

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM CRIANÇAS DE 4 E 5 ANOS

Joana Filipa Marques Portela

Relatório final da Prática de Ensino Supervisionada no âmbito do

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Orientadora: Mestre Raquel Delgado

Ano Letivo 2012 / 2013

Lisboa

Julho de 2013

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM CRIANÇAS DE 4 E 5 ANOS

Joana Filipa Marques Portela

Relatório final da Prática de Ensino Supervisionada no âmbito do

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Orientadora: Mestre Raquel Delgado

Ano Letivo 2012 / 2013

Lisboa

Julho de 2013

Apenas a brincar

Quando me virem a montar blocos
A construir casas, prédios, cidades
Não digam que estou só a brincar
Porque a brincar, estou a aprender
A aprender sobre o equilíbrio e as formas
Um dia, posso vir a ser engenheiro ou arquiteto.

Quando me virem a fantasiar
A fazer comidinha, a cuidar das bonecas
Não pensem que estou só a brincar
Porque a brincar, estou a aprender
A aprender a cuidar de mim e dos outros
Um dia, posso vir a ser mãe ou pai.

Quando me virem coberto de tinta
Ou a pintar, ou a esculpir e a moldar barro
Não digam que estou só a brincar
Porque a brincar, estou a aprender
A aprender a expressar-me e a criar
Um dia, posso vir a ser artista ou inventor.

Quando me virem sentado
A ler para uma plateia imaginária
Não riam e achem que estou só a brincar
Porque a brincar, estou a aprender
A aprender a comunicar e a interpretar
Um dia, posso vir a ser professor ou ator.

Quando me virem à procura de insetos no mato
Ou a encher os bolsos com bugigangas
Não achem que estou só a brincar
Porque a brincar, estou a aprender
A aprender a prestar atenção e a explorar
Um dia, posso vir a ser cientista.

Quando me virem mergulhado num puzzle
Ou nalgum jogo da escola
Não pensem que perco tempo a brincar
Porque a brincar, estou a aprender
A aprender a resolver problemas e a concentrar-me
Um dia, posso vir a ser empresário.

Quando me virem a cozinhar e a provar comida
Não achem, porque estou a gostar, que estou só a brincar
Porque a brincar, estou a aprender
A aprender a seguir as instruções e a descobrir as diferenças
Um dia, posso vir a ser chefe.

Quando me virem a pular, a saltar, a correr e a movimentar-me
Não digam que estou só a brincar
Porque a brincar, estou a aprender
A aprender como funciona o meu corpo
Um dia, posso vir a ser médico, enfermeiro ou atleta.

Quando me perguntarem o que fiz hoje na escola
E eu disser que brinquei
Não me entendam mal
Porque a brincar, estou a aprender.
A aprender a brincar com prazer e eficiência
Estou a preparar-me para o futuro.
Hoje, sou criança e o meu trabalho é brincar.

Anita Wadley

Dedicatória

Aos meus pais,
Lurdes Portela e Luís Portela

AGRADECIMENTOS

Aos meus Pais,

que me construíram enquanto pessoa e de quem recebi como exemplo o sentido e as emoções da vida. Muito Obrigado por se fazerem presentes em todos os momentos. Gosto muito de vocês!

Aos meus Avós,

que estão numa dimensão superior e me proporcionaram uma infância feliz, sinto muito a vossa falta!

Ao meu Irmão,

pela sua grande dedicação e carinho, agindo como um segundo Pai.

Ao Rui,

por acreditares nas minhas capacidades, e queres o melhor para mim todos os dias, mostrando-me a luz quando mais preciso.

Às crianças,

que ao longo dos estágios me proporcionaram momentos de alegria e sobretudo aprendizagem, dando existência a este trabalho, por me fazerem sentir que é graças a elas que sinto orgulho em ser educadora.

Às Amigas e Colegas,

Cátia, Filipa e Marta, pelo companheirismo, amizade e aprendizagem conjunta.

À professora Raquel Delgado,

por ter aceite orientar este relatório, a qual muito admiro pelo seu profissionalismo pautando-se pela sua frontalidade, disponibilidade e incentivo.

À professora Helena Quintela,

pela amabilidade e ternura das suas palavras inspiradoras, que ficarão para sempre no meu coração.

RESUMO

O presente estudo tem como título a importância do brincar na construção da identidade em crianças de 4 e 5 anos.

A elaboração desta pesquisa tem como objetivo conhecer e compreender quais os contributos das brincadeiras na construção da identidade das crianças.

Este trabalho apresenta um carácter qualitativo/ interpretativo, utilizando como instrumentos de recolha de dados a observação direta (notas de campo) e observação indireta (entrevistas semiestruturadas) realizadas às crianças da sala onde efetuei a prática pedagógica.

No cruzamento dos dados constatei que as crianças assumem vários papéis enquanto brincam e manipulam diferentes objetos, brincam sozinhas e com os outros, o que significa que a brincadeira como atividade lúdica e espontânea dá prazer e promove o desenvolvimento integral das crianças e que, por via desta atividade em cooperação com os adultos de referência e com os pares, permite-lhes fundar a sua própria singularidade e consequente identidade.

Palavras - chave: Brincar; Desenvolvimento; Identidade.

ABSTRACT

This study is titled the importance of play in the construction of identity in children 4 to 5 years.

The elaboration of this research aims to know and understand what the contributions of play in the construction of the identity of the children.

This work presents a qualitative / interpretive study, using as data collection instruments, direct observation (field notes) and indirect observation (semi-structured interviews) conducted to children from the room where I performed pedagogical practice.

From the interpretation of data it was found that children assume various roles as they play and handle several objects, play alone and with others, which means the play as playful activity and spontaneous activity gives pleasure and promotes the integral development of children and that, away this activity in cooperation with the adult reference and with peers, allows them to found their own uniqueness and consequent identity.

Keywords: Play, Development, Identity.

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS.....	vi
RESUMO	viii
ABSTRACT	ix
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	6
1.1 A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NO DESENVOLVIMENTO.....	7
1.2 O PAPEL DO EDUCADOR NA BRINCADEIRA.....	11
2. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E O AUTOCONHECIMENTO	14
2.1 O PAPEL DA VINCULAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE.....	15
2.2 O SIMBÓLICO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE.....	17
CAPÍTULO II – METODOLOGIA	20
2.1 PARADIGMA QUALITATIVO / INTERPRETATIVO	20
2.2 CARATERIZAÇÃO DOS SUJEITOS EM ESTUDO	20
2.3 INSTRUMENTO DE RECOLHA DE DADOS	22
2.4 DESCRIÇÃO E PROCEDIMENTOS	24
CAPÍTULO III – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39
ANEXOS.....	43

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Caracterização dos sujeitos	21
--	----

INTRODUÇÃO

O presente relatório foi realizado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES) do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar. A sua elaboração decorre no ano letivo de 2012/2013 sob a Orientação da Mestre Raquel Delgado.

Para dar sustentação ao teor do trabalho que pretendo desenvolver, torna-se essencial compreender de forma mais profunda o tema sobre a qual incide a investigação, ou seja, “A importância do brincar na construção da identidade em crianças de 4 e 5 anos”, segundo o qual formulei questões procurando dar resposta às situações que derivam do carácter lúdico do brincar. Para tal, recorro a autores de referência, sustentando o assunto que vou aprofundar, tais como: Winnicott, Piaget, Kishimoto, Catherine Garvey, Constance Kamii, João dos Santos e Vygotsky.

As motivações para o estudo emergem de vários aspetos, por um lado da minha curiosidade face ao tema, por outro, devido à desvalorização que por vezes os adultos colocam na brincadeira, que passa somente por se preocuparem com o facto das crianças não se magoarem durante o ato de brincar, não compreendendo a aprendizagem daí decorrente.

Como consequência desta sociedade são vários os fatores que contribuem para que, precocemente os pais comecem a tentar que as crianças aprendam formalmente, tais como: a sociedade competitiva, os média, a forma como os adultos encaram o futuro, as dificuldades que os pais têm em ver os filhos numa sociedade que não valoriza o ser, mas, sobretudo o ter e como tal, partem do pressuposto que brincar não apresenta qualquer tipo de utilidade.

Nesta perspetiva, Santos (2010, p.395) afirma que “deveremos estar alerta contra alguns preconceitos que, sobretudo alimentados pelos pais, dificultam a ação da escola.”

Por conseguinte, embora haja adultos que considerem a brincadeira como um passar de tempo, para mim torna-se importante investigar qual é a importância da brincadeira na construção da identidade, pois o brincar não é apenas para dar prazer, porque independentemente do ato fortuito, promove também a aprendizagem.

Neste sentido, foi a partir desta realidade que surgiu a minha questão:

Como é que o brincar contribui para a construção da identidade em crianças de 4 e 5 anos?

Desta forma, para dar resposta à presente questão problema surgiram as seguintes questões:

- Como é que as crianças reforçam a identidade durante a brincadeira?
- De que modo a brincadeira intervém no processo de socialização das crianças?
- Qual a conceção que as crianças (da sala em que realizei a minha prática pedagógica) apresentam da brincadeira?

Esta investigação tem como objetivo: conhecer e compreender os contributos das brincadeiras na construção da identidade das crianças.

Neste sentido, este tema apresenta-se para mim como uma das minhas áreas de interesse devido ao seu carácter lúdico, nomeadamente no processo de socialização e no impacto profundo que o brincar tem no desenvolvimento e no relacionamento com o outro, pois creio que o brincar é essencial para a construção e desenvolvimento da criança.

O interesse sobre esta temática também se prende com aspetos que constituem o meu processo formativo, assim torna-se essencial destacar a minha trajetória pessoal, desde a infância até aos dias de hoje. Para tal, considero importante efetuar um olhar perante a minha própria identidade.

Penso que atribuo uma ligação afetiva à questão que pretendo pesquisar, e regressando à infância como um passado recente, facilmente recorro a uma vivência pautada por cheiros, sentimentos, afetos, brincadeiras e pessoas que me construíram. Com efeito, os meus pais enquanto primeiros agentes educativos e consequentemente os meus avós paternos, contribuíram em muito para a pessoa de carácter que sou, proporcionando-me momentos de genuína felicidade, e foi com base nas experiências lúdicas da vida experienciadas na primeira pessoa, que me fez compreender a importância do ato de brincar como uma componente fulcral no desenvolvimento dos aspetos, sociais, afetivos, físicos e cognitivos de qualquer criança. As brincadeiras simbólicas por mim realizadas imaginando ser professora, cedo foram construindo um caminho dentro de mim. No entanto, e devido a alguns problemas de saúde do meu pai, cedo comecei a trabalhar de forma a contribuir para o bem-estar da minha família. Todavia, o sonho continuou vivo dentro de mim. Assim, e devido à minha persistência, anos mais tarde, acabei por me encontrar na Educação.

Logo, dei entrada na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, determinada que este era o caminho certo para conquistar o meu objetivo. Durante o curso, efetuei aprendizagens significativas sustentadas quer, pelas aulas teóricas quer pelas práticas pedagógicas encarando-as numa perspetiva de desenvolvimento pessoal e profissional, ou seja, como uma experiência gratificante e formativa.

Efetivamente, o percurso académico, expandiu as minhas visões face à brincadeira, às expressões artísticas, no âmbito das histórias e sobretudo no campo das relações humanas, conquistando cada vez mais a minha pretensão de ser educadora.

Considero que também é importante destacar as experiências ocorridas no percurso das práticas pedagógicas, pois na minha bagagem educativa tenho o carinho e a dedicação, a vontade de ensinar o que sei e de pesquisar o desconhecido, vontade em fazer sorrir todos os que me rodeiam, sem colocar em risco a minha função, dando prioridade aos valores que marcam a Educação Pré-Escolar.

Este ano letivo 2012/2013, o estágio realiza-se no âmbito da educação pré-escolar, mais concretamente na valência de jardim-de-infância. O estabelecimento onde realizei o meu estágio pertence ao ensino particular. O seu horário de funcionamento é de segunda a sexta-feira das 08h:00m às 18h:30m.

Localiza-se numa área residencial e possui nas suas imediações múltiplas atividades económicas, nomeadamente no setor terciário, ligado aos serviços de comércio, educação, saúde, transportes, alimentação, serviços bancários e administrativos, estando inserida numa zona urbana da cidade de Lisboa, mais concretamente em Alcântara.

No que concerne ao espaço educativo, oferece aprazíveis espaços verdes, aproximadamente 1000m², disponibilizando instalações físicas de grande amplitude e mobilização fácil, contendo equipamento adequado e com qualidade, de forma a responder às necessidades de todos os seus educandos.

De tradição religiosa e humanista, o espaço educativo encontra-se em verdadeira harmonia com o meio, não só pela estrutura ampla e atrativa que oferece, mas também por privilegiar a qualidade da relação humana, proporcionando um espaço de abertura à vida e ao mundo, procurando que as crianças se sintam pessoas que saibam viver com respeito por si e pelos outros.

O projeto Educativo da Escola, inspira-se numa conceção cristã do Homem e da vida, na riqueza dos valores do evangelho e da sua mensagem, sendo este um projeto em que reflete uma escola produtora de sentidos e um lugar de reflexão e interajuda.

Nela consagram profissionais com formação adequada, tais como: educadores de infância, auxiliares de ação educativa e professores do 1º e 2º ciclo do ensino básico.

É pois, uma instituição que prima pelo desenvolvimento de valores fundamentais para a formação do Homem, apresentando como filosofia, princípios de qualidade como meio de alcançar a excelência, através da exigência, pois crê que a responsabilidade

fornece condições para a mudança, progresso e transformação. Fundamentalmente, segue um código de conduta próprio alicerçado em princípios orientadores que consistem sobretudo em promover comportamentos que assegurem a cada aluno beneficiar de todas as oportunidades educativas, bem como na utilização de estratégias que impliquem o aluno na sua própria aprendizagem. Com mais de sessenta e cinco anos de história, a instituição torna-se peculiar, pelo que é interessante conhecê-la e perceber a sua dinâmica e metodologias singulares.

Detentora de uma metodologia pedagógica própria, a instituição destaca-se no que concerne ao método de leitura e escrita, usando atualmente uma simbiose do método usual silábico e do método global.

A instituição compreende cerca de quatrocentos alunos, distribuídos nas seguintes valências: 1º e 2º ciclos, do 1º ao 6º ano de escolaridade, abrangendo também o pré-escolar, com idades compreendidas entre os três e os seis anos.

O grupo de crianças, com o qual realizei o estágio, é composto por dezassete elementos, sete do género masculino e dez do género feminino, encontrando-se na faixa etária dos quatro e cinco anos de idade. Face ao mesmo, realço algumas características que o constituem.

Deste grupo, somente uma criança ingressou pela primeira vez na instituição, a qual é detentora de Necessidades Educativas Especiais. Esta criança conta ainda com o apoio de técnicos especializados (fisioterapia e apoio de educação especial).

No geral, este é um grupo interessado e participativo que demonstra gosto pelos temas abordados em contexto de sala. Adere com facilidade a todas as atividades que são propostas e participa nelas com gosto e empenho. Apreciam histórias, lengalengas e atividades de expressão plástica, (desenho, recorte e pintura) bem como jogos de tapete.

Quanto à organização temporal, as crianças já têm a noção dos dias da semana, e de acordo com o mapa das presenças, observa-se que são assíduas e pontuais.

Pela observação do grupo verifiquei que, por se encontrarem numa fase em que as amizades adquirem cada vez mais importância, é comum vê-los a formar grupos exclusivos (só de meninos ou só de meninas), começando a diferenciar-se interesses entre eles.

Todas as crianças identificam as suas coisas pelo seu nome, e a maioria sabe escrevê-lo, havendo um ou outro elemento que por vezes escreve algumas letras ao contrário, isto é, em espelho. O grupo aprecia atividades relacionadas com a linguagem oral e escrita e a matemática. Comparam e separam os objetos a partir de semelhanças e

diferenças. Interessam-se pelos números e são capazes de fazer o reconhecimento dos algarismos, bem como escrevê-los e pronunciá-los.

Revelam especial interesse por explorar novos jogos, objetos e materiais nas diferentes áreas dentro da sala. A sala está dividida por áreas e/ou cantinhos e os materiais estão arrumados em espaços próprios, visíveis e acessíveis às crianças, possibilitando-lhes autonomia, no acesso, utilização e arrumação dos mesmos.

Relativamente ao âmbito do contexto familiar, maioritariamente, todas as crianças vivem com ambos os progenitores, à exceção de duas crianças provenientes de um agregado familiar monoparental. Das dezassete crianças, apenas uma é filho único, todas as outras têm irmãos. Provêm na sua maioria de uma meio sociocultural médio-alto, existindo uma variedade de profissões entre os encarregados de educação. Em geral os progenitores são muito interessados e participativos no dia-a-dia da vida escolar dos seus educandos.

O presente relatório encontra-se organizado em três capítulos:

O primeiro capítulo, integra o enquadramento teórico em que apresento informação focalizada na pergunta de partida recorrendo a autores de referência com o intuito de observar diferentes pontos de vista, complementares ou opostos, referentes à mesma temática.

O segundo capítulo é referente à metodologia e seus procedimentos, que consiste na identificação dos objetivos, identificação do paradigma, a constituição da amostra, o instrumento de recolha dos dados (notas de campo e entrevistas) e como estes dados são recolhidos e tratados.

O terceiro capítulo remete para a análise interpretativa dos dados, abordando os seus indicadores e significados, assim como a adequação da informação obtida nos instrumentos selecionados,

Posteriormente são apresentadas as considerações finais, recapitulando os objetivos do trabalho, se foram ou não atingidos e ainda responderei às questões que motivaram a sua realização, expressando as conclusões resultantes de uma reflexão pessoal, tendo como referência a sustentação teórica, abordando ainda as dificuldades e limitações sentidas.

Por último, evidencio as referências bibliográficas consultadas ao longo do trabalho e os anexos apresentando os dados coligidos no terreno.

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

“Os pais e o brincar sustentam para sempre o crescimento”

Eduardo Sá

Para compreender a importância que o brincar assume na construção da identidade, torna-se necessário definir o que é brincar, abordando igualmente o conceito de desenvolvimento e o da identidade.

No dicionário de língua portuguesa (1997, p.293) a brincadeira é designada como “o ato de brincar; divertimento de crianças; folguedo; gracejo; bailarico.”

Para Kishimoto (2011, p.1) “A brincadeira é o resultado de ações conduzidas por regras, em que se pode usar ou não objetos, mas que tenha as características do lúdico: ser regrado, distante no tempo e no espaço, envolver imaginação, dispor de flexibilidade de conduta e de incerteza.”

No dicionário de língua portuguesa (1997, p.574) o desenvolvimento é considerado como “o ato ou efeito de desenvolver ou desenvolver-se; progresso; aumento; prolongamento; progresso de um estado a outro, de tal modo que o seguinte é sempre mais perfeito que o anterior.”

Segundo Helen Bee (1997, p.59) o desenvolvimento é uma “(...) reestruturação sistemática das habilidades ou características dos indivíduos que ocorre à medida que aumenta sua idade.”

No dicionário de psicologia (1981, p.277) a identidade pessoal é caracterizada como uma “sensação de continuidade pessoal ao longo do tempo. Persistência da personalidade apesar das mudanças estruturais e do meio ambiente em função do tempo.”

A identidade pessoal, segundo Rudolph Schaffer (2004, p.362) “refere-se a todos os atributos especificamente individuais que distinguem uma pessoa de outra.”

1.1 A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NO DESENVOLVIMENTO

Para a elaboração deste ponto pretendo dar enfoque à brincadeira no sentido de compreender qual a génese e o significado que o brincar assume no desenvolvimento das crianças.

A brincadeira é fulcral na construção do Ser Humano, permitindo à criança compreender melhor as situações, pessoas e realidades que a rodeiam.

Por um lado, representa o modo ativo e participativo da criança enquanto ser relacional, que questiona o mundo que a envolve, tornando-se num desafio constante, uma vez que imita situações que observa e vive, reproduzindo-as através da dimensão lúdica. Por outro lado, é uma atividade espontânea e natural, que lhe dá prazer.

Neste sentido, segundo Garvey (1979, p.7) “Brincar é um comportamento muito frequente em períodos de expansão intensa do conhecimento de si próprio, do mundo físico e social e dos sistemas de comunicação.”

Deste modo, as brincadeiras que a criança efetua vão-se estruturando com base no que esta é capaz de fazer em cada etapa. Para tal, neste sentido os objetos com os quais se relaciona são significativos e a forma como interage com eles modifica-se à medida que cresce.

Piaget (1993) explicita que à medida que a criança progride no seu desenvolvimento manifesta simultaneamente transformações nas suas atividades lúdicas, nomeadamente na forma como utiliza os objetos, na forma como brinca, bem como nas preferências quanto aos brinquedos que manipula.

Assim, no período sensório-motor, mais concretamente dos zero aos dois anos de idade, a criança manipula e descobre objetos.

Tal como refere Piaget (2004, p.190) citado por Rudolph Schaffer:

“ Este período abrange aproximadamente os dois primeiros anos de vida, e o seu nome advém-lhe da sua principal característica, isto é, do facto de as crianças começarem a conhecer o mundo em termos das suas ações sobre o meio. O conhecimento é obtido através da sucção, preensão, observação, tato, mordedura e outras ações diretas sobre os objetos do mundo da criança que não derivam dos processos internos de pensamento que, mais tarde, permitirão à criança manipular os objetos mentalmente.”

Este período sensório-motor é anterior à linguagem porque à falta de função simbólica, o bebê ainda não apresenta pensamento nem afetividade ligada a representações que permitam evocar pessoas ou objetos ausentes.

Como consequência surge as reações circulares primárias, isto é, as descobertas feitas pelo bebê centradas em torno do próprio corpo. Posteriormente, ocorrem os movimentos circulares secundários, ou seja, as reações da criança não se centram sobre as suas próprias ações corporais, mas sim na manipulação de objetos, desencadeando uma interação mais objetiva.

Para Piaget (1973, p.114) “A atividade neste estágio é ainda circular, mas as ações não são repetidas por si mesmas, mas devido ao efeito de estímulo criado por uma atividade particular.”

Daqui se depreende que através da experiência a criança vai compreendendo a sua ação sobre os objetos, utilizando a repetição. Verifica-se também que o prazer está ligado à ação, o que se torna divertido para a criança, pois ao agir consequentemente vê o resultado, organizando assim os esquemas de ação.

Assim, progressivamente, a criança começa a estabelecer uma relação entre os meios e os fins, conseguindo atingir os seus objetivos.

Piaget (1993) explicita que no fim do período sensório-motor e na transição com o período seguinte a criança torna-se capaz de imitar na ausência do modelo, pois à medida que vai fazendo experiências, consequentemente age utilizando a representação dos esquemas da ação. Assim, quando surge um objeto novo, ela faz um reconhecimento desse objeto, o que provoca uma evolução. Até aqui, o objeto só tinha existência, agora passa a ter um domínio sobre ele.

No período pré-operatório que compreende a faixa etária dos dois aos sete anos de idade (1ª e 2ª infância) está relacionado com a função simbólica, ou seja, a representação e manipulação de símbolos.

Importa realçar que, nos dois primeiros anos de vida, a criança age sobre os objetos, pois vai conhecendo-os através da ação, passando gradualmente da manipulação de objetos para a manipulação de símbolos. Assim, para um determinado objeto a criança cria um significado, que vem de uma fonte exterior, apropriando-se das características em que posteriormente lhe atribuí um sentido. Trata-se fundamentalmente de um conhecimento construído pela própria criança porque, não só reproduz o vivido como transforma a realidade. A criança nesta fase está a organizar-se internamente e esses objetos sob os quais ela age, começa a representá-los mentalmente, e daqui nasce

o valor pedagógico do jogo simbólico. E segundo Kishimoto (1998, p.23) “ (...) quando se brinca se aprende antes de tudo a brincar, a controlar um universo simbólico particular. ”

Deste modo, a função simbólica é geradora da função mental que permite à criança a evocação de um objeto que não está presente, sendo essa ação possível através do jogo faz-de-conta, pois ao brincar com a realidade a criança vai organizando internamente a sua realidade.

Segundo Rudolph Schaffer:

“Na brincadeira faz-de-conta, é oferecida às crianças a oportunidade de praticarem competências de diversos tipos; podem alargar imaginativos e aprender (...) as utilizações da representação simbólica; podem confrontar-se com problemas emocionais e tentar lidar com eles; e podem encontrar formas de se unirem a outros com vista a um objetivo comum.” (Rudolph Schaffer, 2004, p.267)

Efetivamente, a brincadeira permite à criança experimentar vários papéis e identidades, invadir o mundo dos adultos e reproduzir as suas relações ludicamente, pois ao fazê-lo está a apropriar-se do mundo.

Por sua vez, também para Winnicott (1979) o brincar corresponde a um mecanismo que proporciona uma estrutura para o início de relações emocionais, despoletando nas crianças por meio da interação, o desenvolvimento de contactos sociais.

Neste sentido, verifica-se que a aprendizagem é feita essencialmente pela interação, ou seja, as crianças querem descobrir o outro e fazem-no através das múltiplas brincadeiras e /ou jogos que efetuam com os iguais, pois o brincar pressupõe companhia e não solidão. Desta forma, podemos compreender que o autor, destaca o papel do brincar enquanto motor de desenvolvimento por meio da aprendizagem lúdica, dando à criança a possibilidade de se organizar, estruturando o pensamento.

O mesmo autor defende ainda, que o brincar potencia um vínculo, ou seja, a relação do sujeito com a realidade interior, e com a realidade externa, reiterada do seguinte modo: “Uma criança brincando pode querer tentar mostrar, pelo menos, uma parte tanto do interior como do exterior a pessoas escolhidas no meio ambiente.” (Winnicott, 1979, p.164).

De acordo com Catherine Garvey (1979, p.12-13) existem cinco características típicas relativamente ao brincar, sendo elas:

- 1) Brincar é agradável, divertido. Mesmo quando não é acompanhado por sinais de alegria é avaliado positivamente por quem brinca.
- 2) Brincar não tem objetivos extrínsecos. As suas motivações são intrínsecas não estando ao serviço de outros objetivos (...) consiste mais num disputar da atividade em si do que num esforço dedicado a qualquer fim particular.
- 3) Brincar é uma atividade espontânea e voluntária. Não obrigatória e escolhida livremente por quem brinca.
- 4) Brincar implica um certo empenhamento ativo por parte do sujeito.
- 5) Brincar tem algumas relações sistémicas com o que não é brincar.

Ainda segundo a mesma autora, (1979, p.20) a criança ao brincar “aprende a relacionar-se com pessoas”, ou seja, aprende a comunicar e a compreender os sinais uns dos outros.

Nesta perspetiva, com base nessa conduta social, que pressupõe crescimento, a criança protagoniza uma linguagem com sentidos próprios, aliada a uma expressão que decorre por via da atividade lúdica, em que tudo é utópico porque tudo é possível.

Vygotsky, apresenta uma perspetiva muito peculiar relativamente ao brincar, explicitando que:

“Do mesmo modo que os homens aprenderam há muito tempo a manifestar por meio de expressões exteriores o seu estado de espírito interior, assim também as imagens da fantasia servem de expressão interior dos nossos sentimentos” (Vygotsky, 2009, p.21).

Neste contexto, o autor demonstra que, através do brincar, mais precisamente com base na função simbólica associada ao faz-de-conta, as crianças tentam compreender uma ação imitando-a e é ao adquirirem um conhecimento de si próprias e simultaneamente do mundo que a rodeia, que a criança ao brincar com a realidade vai organizar internamente os símbolos que advêm dessa mesma realidade contribuindo para a construção da sua identidade.

Assim, por via do domínio simbólico a criança experimenta vários papéis, através do jogo faz-de-conta, conduta fundamental da idade pré-escolar.

A respeito disso Vygotsky diz ainda:

“O rapazinho que cavalga um pau e imagina que monta a cavalo, a rapariguinha que brinca com a boneca e se imagina mãe dela, as crianças que brincam aos ladrões, aos soldados, aos marinheiros, mostram nos seus jogos exemplos da mais autêntica e verdadeira criação” (Vygotsky, 2009, p.13).

A função simbólica manifesta-se através de objetos que dão à criança a possibilidade de serem usados como significantes, pois ao brincar com o eu pode experimentar vários papéis, mergulhando numa realidade própria que lhe permite ser o que quiser.

E concluí ao afirmar que: “(...) em cada período do desenvolvimento infantil, a imaginação criadora age de modo peculiar, de acordo com o estágio de desenvolvimento em que a criança se encontra”. (Vygotsky, 2009, p.37).

Há medida que a criança se desenvolve, torna-se cada vez mais seletiva na escolha dos pares durante a brincadeira. Assim, tendencialmente os rapazes adotam brincadeiras masculinas e as raparigas brincadeiras femininas, isto é, uma separação de géneros nos grupos de crianças.

Neste sentido, de acordo com Rudolph Schaffer (2004, p.133)

“As contribuições trazidas pelas relações entre pares para o desenvolvimento assume duas formas – social e intelectual. (...) uma das tarefas básicas da infância é estabelecer um sentido de identidade – ou seja, uma tentativa de encontrar uma resposta para a importante questão «Quem sou eu?» (...) No seio do grupo de pares, as crianças também descobrem o tipo de papel social que é adequado para aquela ou aquela criança adotar – líder ou seguidor, agressor ou vítima, palhaço, estratega, benfeitor (...) ou qualquer uma das muitas outras identidades possíveis que os grupos atribuem com grande naturalidade aos seus membros.”

É neste processo lúdico, de significados coletivos que os sentidos pessoais são constantemente definidos.

1.2 O PAPEL DO EDUCADOR NA BRINCADEIRA

Após referir anteriormente o que é brincar e a sua importância no desenvolvimento da criança, torna-se pertinente abordar o papel do adulto nesse contexto.

Segundo Kishimoto (1998, p.134) citado por Oliveira et alii: “O educador pode desempenhar um importante papel no transcorrer das brincadeiras se (...) discernir os momentos em que deve só observar, em que deve intervir na coordenação da brincadeira, ou em que deve integrar-se como participante das mesmas.”

O educador enquanto observador e mediador, pode também participar nas brincadeiras das crianças, cabendo ao mesmo decidir se o faz ou não de acordo com a sua intencionalidade pedagógica.

Neste sentido para Hohmann e Weikart (2003, p.27) “(...) os adultos são apoiantes do desenvolvimento e (...) o seu objetivo principal é o de encorajar a aprendizagem ativa (...) das crianças.”

Assim, partindo do princípio que, o brincar é construtor de significados, o educador terá que criar condições para que o desenvolvimento aconteça.

Ainda, de acordo com os mesmos autores (2003, p.28-29) o papel do adulto passa essencialmente por seis etapas distintas e complementares:

- 1) Organização dos espaços ambientais
- 2) Organização de rotinas
- 3) Estabelecimento de um clima interpessoal apoiante
- 4) Encorajamento de ações intencionais
- 5) Interpretação das ações da criança
- 6) Planeamento de experiências

O adulto enquanto exemplo pode, por uma lado, integrar a brincadeira no conjunto das outras atividades e por outro, adaptá-la a um espaço e tempo específico fazendo uso das etapas anteriores, pois a brincadeira pode ser promovida em cada uma delas. Para tal, o planeamento surge como uma resposta face aos interesses e necessidades de cada criança em particular e do grupo em geral.

Deste modo é fundamental que as relações estabelecidas entre educador/criança sejam geradas num clima descontraído e positivo, promovendo a qualidade das relações e aprendizagens. Para Hohmann e Weikart (2003, p.47) “ Os adultos ouvem as crianças enquanto estas trabalham e brincam para poderem compreender, a partir das suas conversas espontâneas, a forma como estão a pensar sobre aquilo que fazem.”

Assim, a brincadeira, deve ser assumida pelos adultos com o devido respeito, já que a criança quando brinca realiza essa atividade com seriedade envolvendo-se nela com satisfação e empenho, porque lhe dá prazer.

Tendo em conta que, a brincadeira emerge da necessidade da criança explorar os seus sentimentos e o meio circundante, cabe ao educador enquanto modelo planejar a forma segundo a qual será a mais adequada e estimulante para promover aprendizagens significativas nas crianças, em que possam desempenhar situações que vão ao encontro das suas necessidades.

De acordo com as Orientações Curriculares do Ministério da Educação (Lopes Silva, 2009, p.26).

“O planeamento do ambiente educativo permite às crianças explorar e utilizar espaços, materiais e instrumentos colocados à sua disposição, proporcionando-lhes interações diversificadas com todo o grupo, em pequenos grupos e entre pares, e também a possibilidade de interagir com (...) adultos.”

Daqui se deduz que, o modo como o educador dispõe a sala, os materiais e o tempo, influenciará diretamente as brincadeiras do grupo. Para tal, enquanto modelo e promotor do desenvolvimento total da criança, é através da observação que ficará a conhecê-la, daí que “A observação constitui, (...) a base do planeamento e da avaliação, servindo de suporte à intencionalidade do processo educativo” (Lopes Silva, 2009, p.25)

De acordo com Vygotsky (2009, p.63) “A verdadeira educação consiste em despertar na criança aquilo que ela tem já em si, ajudá-la a expandi-lo e orientar o seu desenvolvimento numa determinada direção.”

Um dos mais significativos ensinamentos de Vygotsky dá-se precisamente quando aborda o conceito de zona de desenvolvimento proximal, definindo-a como:

“ (...) a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.” (Vygotsky, 1991, p.97).

Considerando a citação anterior, o conceito destaca as ações que a criança consegue fazer sozinha e onde ela chega acompanhada e que, depois de chegar acompanhada vai conseguir chegar sozinha, exemplo disso, é quando imita um adulto, que a faz entender e organizar a realidade.

De acordo com Vygotsky (2004, p.228) citado por Rudolph Schaffer “O adulto deve ser sensível tanto ao que a criança consegue realizar como às suas potencialidades, e deve promover sensivelmente desafios intelectuais num nível para além daquilo que a criança já compreende”

Deste modo, enfatiza ainda, a tónica da relação no desenvolvimento, destacando a importância do adulto, que enquanto modelo pode ajudar a criança a caminhar para a frente, podendo ser igualmente auxiliada pelos iguais, na construção do ser e na ideia de cooperação, pois todo o conhecimento é mediado. Assim, o papel do adulto, na perspectiva Vygotskiana torna-se fundamental, na medida em que ao brincar com as

crianças, o adulto entra no jogo das mesmas acrescentando algo de novo às suas brincadeiras.

Segundo John Dewey, citado por Alarcão (1996, p.175) “(...) ser-se reflexivo é ter a capacidade de utilizar o pensamento como atribuidor de sentido.”, isto é, a atitude reflexiva promove a qualidade da intervenção pedagógica.

Por outro lado, considera-se muito importante que, a avaliação é outro dos fatores essenciais, tratando-se de um questionamento interior face à ação educativa e a cada criança, quanto ao seu processo de desenvolvimento. Para tal, a atitude de questionamento constante permite avaliar a ação, identificar os valores intrínsecos e extrínsecos que condicionam a mesma. É com base na reflexão, observação e avaliação que possibilitará ao educador adaptar a sua prática quanto às necessidades das crianças, ou seja, o educador tem que adequar a sua ação pedagógica à especificidade do contexto.

Neste sentido, a adequação pedagógica do educador remete para o conhecimento que este tem relativamente ao desenvolvimento da criança e da sua aprendizagem.

Em suma, considero primordial que a atitude reflexiva do educador esteja presente, com vista a desenvolver uma prática pedagógica contextualizada e centrada nas necessidades das crianças.

2. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E O AUTOCONHECIMENTO

“ (...) a saúde mental de cada um de nós assenta no sentimento de pertença a uma história comum que nos remete não só para a consciência de sermos herdeiros e protagonistas da História da Humanidade como de uma história familiar que nos deu as bases para sermos as pessoas individuais e únicas que cada um de nós é. Sem este duplo enraizamento que nos constitui em seres com memória e com história, não há identidade pessoal.”

João dos Santos

Este capítulo pretende dar enfoque à identidade, que se inicia desde o nascimento com o processo de vinculação, através da relação dual mãe-bebé. Neste sentido, a mãe enquanto modelo de referência, é quem desempenha uma função fulcral na vida da criança, na medida em que, a partir dela desenvolve e constrói a sua própria identidade.

Há medida que a criança cresce, começa a tomar cada vez mais consciência do seu corpo, dos fatores externos e da sua própria individualidade, esta construção interna vai permitir à criança perceber quem é e como os outros a vêem, permitindo-lhe

compreender que cada pessoa é um ser individual com características próprias, possibilitando-lhe a consciência de si mesmo.

Progressivamente, através da socialização primária, do relacionamento com os outros significativos e com a sociedade, a identidade vai sendo consolidada.

Em suma, a identidade está em constante mudança, desde o nascimento à morte.

2.1 O PAPEL DA VINCULAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Todo o processo se inicia com a gravidez, tempo em que a mulher constrói uma nova realidade, ou seja tempo em que a mulher se prepara para a maternidade, para receber um bebê e com ele construir um história de amor que lhe permite tornar-se pessoa. Nesta relação entre a mãe e o bebê constrói-se o bebê da fantasia e é através deste bebê, que de acordo com Eduardo Sá (2003, p.39) “O amor ganha um rosto, e um nome, e “transforma-se na coisa amada”, isto é, nasce o bebê real.

Segundo João dos Santos (2010, p.454) “(...) depois do nascimento e nos primeiros tempos, mãe e filho vivem em simbiose.”, isto é, o bebê nasce num mundo indiscriminado e é a partir da relação simbiótica que este mundo indiscriminado se vai transformar num mundo de significados afetivos.

Neste seguimento surge a relação de vinculação como aspeto significativo e promotor de crescimento na relação dual.

Bowlby, citado por Gomes Pedro (1982, p.69) “utilizou (...) a expressão «vinculação» para explicar o laço afetivo de uma pessoa (...) a outro indivíduo específico e utiliza-a para caracterizar a relação da criança com a mãe.”

Na relação, as reações inatas têm como finalidade criar e manter proximidade com a figura de referência, a mãe. Contudo, a comunicação só se estabelece se esta estiver atenta e der significado aos seus sinais, pois é a partir da vinculação que se constituirá a base de estabilidade futura e a identidade.

De acordo com Brazelton, citado por Gomes Pedro (1982, p.36) a respeito disso diz: “O recém-nascido é solicitado por estímulos exteriores (...) a cada momento (...) assinala as reações das pessoas à sua volta e reage (...) a elas com os meios de comunicação que tem à sua disposição.”

Daqui se deduz que, dentro da relação, quando o bebê sorri para os conhecidos e chora para os desconhecidos, fá-lo numa tentativa de organizar o mundo dos afetos.

Neste sentido, os laços precoces provenientes de uma relação dual estabelecida entre a mãe e o bebê, promovem progressivamente uma constituição e diferenciação do eu relativamente ao tu, que vai ocorrendo à medida que a criança se desenvolve. Neste período, segundo João dos Santos (2010, p.452) “a mãe é clivada em duas” com “ (...) a mãe boa, a que responde aos apelos e satisfaz as necessidades; a mãe má (...) que não está lá quando a criança chama.”

A mãe ajuda a criar a ilusão da continuidade e progressivamente vai ajudar o bebê a desiludir-se e a compreender que não são um só, percebendo que a mãe é um elemento exterior a ele. O mesmo autor (2010, p.453) refere ainda que “(...) para a organização do eu autónomo da criança é importante que a mãe saiba, (...) ausentar-se, porque é na ausência que a criança pode tomar consciência do próprio corpo e da própria autonomia do eu.” Assim, a mãe vai permitir presença física, ainda que ausente, introduzindo novos espaços sem o corpo a corpo, seguindo o bebê somente pela voz, e é desta forma que o bebê na sua ausência consegue ir estando só, ainda que acompanhado, para que internamente se vá construindo.

Nesta relação entre a mãe e o bebê, surge um terceiro elemento essencial: o pai, que introduz uma rutura na relação entre a díade, assumindo uma função separadora, dando origem à “triangulação” que, de acordo com João dos Santos (2010, p.453) “diz respeito à descoberta que a criança faz de que a mãe não pertence só a ela, mas que há um terceiro.” Assim, o pai vai ajudar a introduzir um espaço entre eles, ajudando à separação, em que o bebê compreende que outros elementos existem e que vão para além da figura de referência. Desta forma, a relação direta que o pai vai estabelecer com o filho, dará à criança a capacidade de se adaptar e vincular-se afetivamente, despoletando para ambas as partes bases securizantes e construtivas.

A criança, após estabelecer uma relação estreita com os progenitores ou (adultos cuidadores), vai progressivamente alargando as suas relações interpessoais, com a escola, com a família com o meio envolvente, o que favorece a construção de si própria.

Deste modo, remetendo para o papel da socialização Berger e Luckmann (2008, p.173) referem que a ação do sujeito no estado social se desenvolve progressivamente “o indivíduo não nasce membro da sociedade. Nasce com a predisposição para a sociabilidade e torna-se membro da sociedade.” Neste sentido, e ainda de acordo com os mesmos autores Berger e Luckmann (2008, p.175) a “socialização primária é a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância, e em virtude da qual torna-se

membro da sociedade.”, isto é, a socialização primária comporta uma dimensão afetiva sendo uma referência na aprendizagem.

Constance Kamii, refere que, de acordo com Piaget os outros assumem um papel de destaque no processo de interação.

“Com outras, a criança tem ocasião de desenvolver uma cooperação autônoma, através da experimentação das consequências da cooperação e da não cooperação. Tanto sucesso como o insucesso tomam uma significação mais construtiva quando acontece entre pares.” (Kamii, 2003, p.73)

Deste modo, a criança aprende aquilo que é considerado o mundo inevitável da sociedade, o que é bom, o que é mau, as regras gerais da vida em sociedade vendo e observando com os outros significativos, que transmitem à criança a ideia de mundo. Berger e Luckmann (2008, p.176) vão ao encontro desta ideia ao exprimirem que “A criança absorve os papéis e as atitudes dos outros significativos, isto é, interioriza-os, tornando-os seus” e justificam que a socialização ajuda a fazer a diferenciação entre o eu e o outro “todo o individuo nasceu em uma estrutura social objetiva, dentro da qual encontra os outros significativos que se encarregam de sua socialização.” (2008, p.175)

Assim, se verifica que através da interação com os outros significativos, em que as crianças experimentam diferentes papéis decorrentes do processo lúdico, também permite à criança construir intrinsecamente a sua própria identidade. “ Este processo não é unilateral nem mecanicista. Implica uma dialética entre a identificação pelos outros e a auto-identificação, entre a identidade objetivamente atribuída e a identidade subjetivamente apropriada.” (Berger e Luckmann, 2008, p.177)

Neste sentido, decorrente do processo de socialização e interação com os outros significativos surge a construção da identidade como uma resposta individual.

2.2 O SIMBÓLICO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

De acordo com Berger e Luckmann (2008) a construção da identidade, surge também associada ao simbólico por permitir à criança assumir várias identidades enquanto brinca.

O brincar associado ao jogo, precisamente pelo prazer que dele advém, permite à criança reproduzir simbólica e espontaneamente os dados da realidade. Assim, no sentido de contextualizar o jogo na brincadeira, torna-se necessário descrevê-lo segundo a perspectiva Piagetiana.

Segundo Piaget (1971) na construção do conhecimento nos períodos sensório-motor e pré-operatório, as crianças ao agirem sobre os objetos, organizam progressivamente quer o espaço, quer o tempo, compreendendo a noção de causalidade até chegar à sua representação por via da brincadeira e /ou jogo.

Para que tal aconteça, é necessário criar condições à criança para que esta possa agir livremente sobre os objetos, reproduzindo as suas ações de acordo com as suas necessidades e interesses.

De acordo com Smilansky, citado por Papalia (2009) classifica quatro níveis de jogo/brincadeira.

O jogo funcional	O jogo construtivo	O jogo faz-de-conta	O jogo com regras
------------------	--------------------	---------------------	-------------------

Para Papalia e Piaget, a classificação tem início com o jogo funcional, descrito do seguinte modo “consiste na prática repetida de movimentos musculares amplos, como rolar uma bola.” (2009, p.310)

Assim, a principal característica deste jogo funcional reside no prazer que a criança tem enquanto realiza uma atividade, pois é o prazer que dá significado à ação, fazendo-a por divertimento e por necessidade.

Seguidamente dá-se o jogo construtivo, que se resume ao uso de objetos ou materiais para fazer alguma coisa, como construir uma casa através de blocos ou fazer um desenho com lápis. (Papalia, 2009)

Quanto aos jogos simbólicos, surgem associados à brincadeira faz-de-conta e tal como cita Piaget (1971, p.146) “(...) o símbolo implica a representação de um objeto ausente, visto ser comparação de um elemento dado e um elemento imaginado, e uma representação fictícia.”

Deste modo, os jogos simbólicos são fundamentais, na medida em que o desenvolvimento cognitivo da criança se expande, pois ao realizar estes jogos constrói espontaneamente novos conceitos, porque ao imitar os adultos adquire e alarga o seu mundo de significações em que simultaneamente treina os seus futuros papéis.

Piaget (1971) explicita ainda que paralelamente aos jogos simbólicos existe também os jogos com regras.

Ainda no que concerne aos jogos com regras, são jogos combinatórios (corridas, jogos de bola ou com bolas), com competição de indivíduos e regulamentados quer por um código transmitido de gerações em gerações, quer por acordos momentâneos.

Neste sentido, estes jogos apresentam um caráter temporal, uma vez que, se desenvolvem com a idade, pois são essencialmente sociais.

Em suma, a criança ao contatar com os primeiros jogos, efetua exercícios com base em impulsos espontâneos. Posteriormente, experimenta os jogos no domínio do simbólico, expondo a sua imaginação e representação e por fim, realiza jogos de regras. Gradualmente, as crianças constroem o seu processo de formação da identidade, mas principalmente aprendem a viver com base numa ordem, em que cumprem regras, interiorizando-as, pois os jogos e/ou brincadeiras fomentam não só, a aprendizagem com o intuito de adquirir experiência, mas também contribuem para a formação de si própria, enquanto ser único.

CAPÍTULO II – METODOLOGIA

Neste capítulo será explicitada a metodologia utilizada, o estilo de pesquisa procurando clarificar e justificar o caminho percorrido em que se apresentam os objetivos, os participantes, bem como, as técnicas utilizadas na recolha, tratamento e interpretação dos dados.

2.1 PARADIGMA QUALITATIVO / INTERPRETATIVO

Neste sentido, uma vez que este trabalho se enquadra na área das ciências humanas concretamente na Educação, considera-se que a pesquisa qualitativa e interpretativa seja a mais adequada neste processo investigativo.

Bogdan e Taylor, (1986) indicam que, relativamente aos métodos qualitativos o investigador deve estar inteiramente envolvido no campo de ação dos investigados, na medida em que, na sua natureza, este método de investigação baseia-se sobretudo em dialogar, escutar e possibilitar a livre expressão dos participantes.

Os autores salientam ainda, que os pesquisadores neste tipo de estudo valorizam mais os processos do que os resultados, interessando-se por compreender o significado que os participantes conferem às suas experiências. Para tal, é fundamental que este tipo de investigação ocorra num ambiente o mais natural possível.

Por outro lado, Afonso (2005) relata que:

“ O material empírico qualitativo é constituído por textos de diversas origens, registos discursivos e dimensões (...) que o investigador deve explorar e mapear a partir dos seus objetivos de pesquisa, mobilizando e testando estratégias produtoras de significados relevantes” (Afonso, 2005, p.118)

2.2 CARATERIZAÇÃO DOS SUJEITOS EM ESTUDO

Os sujeitos implicados neste estudo, tal como referido anteriormente são as dezassete crianças com as quais realizei a minha intervenção pedagógica, designadas por letras indicativas do seu nome.

Relativamente aos seus dados pessoais, apresentam-se seguidamente no quadro 1, com o intuito de se fazer uma leitura mais explicativa das características dos sujeitos participantes no estudo.

O seguinte quadro apresenta, de forma esquemática o que considero serem as características mais significativas dos sujeitos participantes: tais como: o nome, a idade, o sexo, o contexto familiar, o contexto educacional, o número de irmãos, o tipo de família e por fim o local de residência.

Designação	Idades	Sexo	Contexto Familiar	Contexto Educativo	Número de irmãos	Tipo de Família	Local de residência
M. N	5	Feminino		Veio de outra escola	1	Nuclear	Lisboa
M. S. C	5	Feminino		Veio de outra escola	2	Nuclear	Lisboa
T	5	Feminino		Veio de outra escola	2	Nuclear	Lisboa
L	5	Feminino		Veio de outra escola	2	Nuclear	Lisboa
I	5	Feminino	Veio de casa		2	Nuclear	Lisboa
M.A	5	Feminino		Veio de outra escola	1	Nuclear	Lisboa
M.C	5	Feminino	Veio de casa		1	Nuclear	Lisboa
R	4	Feminino		Veio de outra escola	1	Monoparental	Lisboa
M.M.C	5	Feminino		Veio de outra escola	1	Nuclear	Lisboa
M.U	5	Feminino	Veio de casa		3	Nuclear	Lisboa
M.M	4	Masculino		Veio de outra escola	2	Nuclear	Lisboa
M.S	4	Masculino		Veio de outra escola	1	Nuclear	Sintra
P	5	Masculino		Veio de outra escola	2	Nuclear	Lisboa
M.S.P	5	Masculino		Veio de outra escola	5	Nuclear	Lisboa
B	5	Masculino		Veio de outra escola	2	Nuclear	Lisboa
F	5	Masculino		Veio de outra escola	3	Nuclear	Lisboa
M.F	5	Masculino		Veio de outra escola	0	Monoparental	Lisboa

Quadro 1 – Caracterização dos sujeitos

Como se pode verificar no quadro acima apresentado, os sujeitos da minha sala são dezassete crianças, com idades compreendidas entre os 4 e 5 anos. Dez são do género feminino e sete do género masculino. No ano letivo de 2010/2011 apenas três crianças vieram diretamente do contexto familiar para a presente escola. As demais chegaram provenientes de outras instituições. Todas as crianças faziam parte do mesmo grupo o ano passado, à exceção de uma.

Na sua grande maioria têm irmãos, apenas um é filho único e duas fazem parte de um agregado familiar monoparental. No entanto, é de realçar que todas as crianças vivem com o pai e/ou com a mãe. Por fim, relativamente ao contexto habitacional, na sua totalidade vivem todas em Lisboa, à exceção de uma criança.

No geral, o grupo adere com gosto às atividades propostas, empenhando-se para as terminar com bons resultados.

Revela interesse, acima de tudo, por explorar os novos jogos, objetos e materiais nas diferentes áreas dentro da sala; pelas histórias e lengas-lengas, como também pelos quadros de presenças, tarefas e tempo. É um grupo participativo, com facilidade em se organizar na sala. Têm boa relação uns com os outros e receberam bem o novo menino, o M. F. que é detentor de necessidades educativas especiais. Rapidamente o grupo, percebeu que o podia ajudar e frequentemente o fazem.

O grupo apresenta um bom rendimento a nível de competências e realização. Todas as crianças interagem umas com as outras, desenvolvendo brincadeiras em pequenos e grandes grupos. No entanto, por se encontrarem numa fase em que as amizades adquirem cada vez mais importância, é comum vê-los a formar grupos exclusivos (só de meninos ou só de meninas), começando a diferenciar-se interesses entre eles, embora também brinquem em conjunto crianças do género masculino e feminino.

2.3 INSTRUMENTO DE RECOLHA DE DADOS

Este relatório tem como objetivo principal compreender de que forma as crianças constroem a sua própria identidade através do brincar.

Com a finalidade de alcançar o objetivo proposto, utilizo como instrumento de recolha de dados, a observação direta – notas de campo e a observação indireta – entrevistas, em que os dados foram recolhidos através do diálogo com crianças. Ambos

os instrumentos traduzem-se numa permanente busca de significar em palavras o que tantas vezes nos parece difícil exprimir, justamente porque é de observar, descobrir e compreender aspetos particulares do mundo que nos rodeia que trata a observação, é um processo árduo traduzi-los e narrá-los.

Segundo Estrela (1999, p.19) “A observação (...) tem como objetivo fixar-se na situação em que se produzem os comportamentos, a fim de obter dados que possam garantir uma interpretação (...) desses comportamentos.”

Por outro lado, para Afonso (2005, p.91) a observação resume-se a “(...) uma técnica de recolha de dados particularmente útil e fidedigna, na medida em que a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos.”

Após, a observação em contexto real, são redigidas as notas de campo, que se apresentam-se divididas em duas partes distintas, compreendendo uma parte descritiva e outra interpretativa, que servem como instrumento, virado para a prática pedagógica. Este é um processo difícil, porque o educador é ao mesmo tempo observador participante, em que simultaneamente observa as crianças e interage com elas, o que dificulta fazer notas de campo.

De acordo com Bogdan e Biklen (1994, p.150) caracterizam-se como “O relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo.”

Segundo Afonso (2005, p.94), “as notas de campo devem ser concretas e não vagas”. Por conseguinte, Peltó e Peltó, citado por Afonso, (2005, p.94) salientam ainda que “(...) em qualquer caso, o investigador deve descrever as próprias observações e não as inferências elementares derivadas dessas observações”.

Para Graue e Walsh (2003, p.120) “Ao fazer trabalho de campo com crianças, têm de se encontrar permanentemente maneiras novas e diferentes de ouvir e observar as crianças e de recolher traços (...) das suas vidas.”

Por outro lado, Quivy e Campenhoudt (2008, p.164) salientam que a observação direta implica a recolha de informação efetuada pelo próprio investigador porque “apela diretamente ao seu sentido de observação”. Por conseguinte, o esforço que se faz para entender e revelar a realidade que se investiga, torna-se por um lado um processo grandioso, por outro complexo, ou seja, é necessário criar uma disponibilidade para a complexidade, procurando dar-lhe sentido, aceitando o desafio de nos tornarmos narradores e intérpretes dessa realidade observada.

Com a finalidade de tornar este estudo exploratório rico, utilizo como segundo instrumento a entrevista, permitindo-me recolher informações que darão outro tipo de leitura aos dados. Neste sentido, contemplam essencialmente questões relativas à experiência que as crianças têm do brincar e como essa ação é vivida pelos sujeitos.

Para uma melhor compreensão relativamente ao instrumento de recolha de informação, torna-se essencial definir o conceito de entrevista, Ketele (1999, p.18) caracteriza-o como: “(...) um método de recolha de informação que consiste em conversas orais, individuais ou grupos (...) analisada na perspectiva dos objetivos da recolha de informação”

Segundo Quivy e Campenhoudt (2008, p.70) a entrevista (...) “constitui, (...) uma das fases mais agradáveis da investigação: a da descoberta, a das ideias que surgem e dos contactos humanos mais ricos para o investigador”, ou seja, potenciam as relações humanas, conferindo ao pesquisador momentos únicos de qualidade com participantes neste processo investigatório.

Em suma, para Bogdan e Biklen (1999, p.134), as entrevistas individuais permitem uma recolha de dados descritivos “na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo.”

2.4 DESCRIÇÃO E PROCEDIMENTOS

Para desenvolver este estudo apliquei dois instrumentos de recolha de dados, quer as notas de campo, quer as entrevistas, com a finalidade de compreender melhor a realidade em estudo, tendo como pano de fundo a observação.

Assim, a observação caracteriza-se como um técnica fundamental em todo este processo de conhecimento, e foi a partir desse pressuposto que conheci o contexto educativo e os sujeitos em estudo. Como tal, permitiu-me:

“Observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher as informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem, são práticas necessárias para compreender melhor as características das crianças e adequar o processo educativo às suas necessidades” (Lopes Silva, 1997, p.25).

Assim, o primeiro instrumento aplicado foram as notas de campo, obtidas em contexto de sala e em contexto exterior (recreio) fruto de diversas observações espontâneas, decorrentes do processo lúdico, nomeadamente através das brincadeiras ao

faz-de-conta em pequenos e grandes grupos. Neste processo, descrevi detalhadamente situações vivenciadas pelas crianças, desde o dia 8 de abril até ao dia 21 de junho de 2013.

Inicialmente foram escritas numa folha branca e posteriormente transcritas para uma grelha específica, colocando a descrição, as inferências e por fim os comentários (informações/justificações e fundamentação teórica). A sua análise foi feita com base na procura de evidências face ao tema que mobiliza este estudo.

Posteriormente o segundo instrumento aplicado foram as entrevistas, realizadas de forma individual com os sujeitos da “amostra”, isto é, com as dezassete crianças com quem realizei a minha prática pedagógica.

Para tal, tive em conta o espaço, tendo sido realizadas em contexto escolar, elegendo a sala de aula para o efeito, sendo a sua realização posta em prática nos momentos destinados ao recreio, proporcionando assim um ambiente tranquilo e propício ao diálogo.

Ao implementá-las, tive como objetivo ouvir e compreender as crianças e de que forma a brincadeira é encarada por elas, revelando os seus gostos e preferências.

Tal como referem Bogdan e Biklen (1994, p.136) “ (...) as entrevistas, devem evitar perguntas que possam ser respondidas “sim” e “não”, uma vez que os pormenores e detalhes são revelados a partir de perguntas que exigem exploração.” Assim, tendo em conta este pressuposto, a organização das entrevistas está composta por duas questões:

- Qual a tua brincadeira preferida?
- O que é para ti brincar?

No decorrer das entrevistas, pretendi criar um clima de conforto, confiança, respeito e empatia para que o entrevistado se sentisse à vontade, expressando livremente as suas ideias e opiniões.

Quanto ao registo, e com conhecimento prévio dos entrevistados, num primeiro momento recorri ao computador a fim de gravar em áudio a entrevista e posteriormente procedi à sua transcrição.

A aplicação foi realizada de maio a junho de 2013, de acordo com a disponibilidade de tempo das crianças.

Por último, a análise dos dados foi feita com base na grelha de análise de conteúdo das notas de campo e das entrevistas, categorizando as perguntas e selecionando as subcategorias.

CAPÍTULO III – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

No presente capítulo pretende-se expor a análise e interpretação dos dados recolhidos com base na observação direta (notas de campo), que segundo Quivy e Campenhoudt (2005, p.164) “ (...) é aquela que o próprio investigador procede diretamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados.” e observação indireta (entrevistas semiestruturadas) que permitem obter uma informação relativamente ao estudo com base em opiniões. As informações serão recolhidas a partir das brincadeiras espontâneas, incidindo no domínio do simbólico em crianças com idades compreendidas entre os 4 e 5 anos, na sala de jardim-de-infância em que realizei a minha prática pedagógica.

Neste sentido, para uma melhor compreensão, torna-se pertinente definir em que consiste a análise de dados. Bogdan e Biklen (1994) mencionam que:

“A análise de dados é o processo de busca e de organização sistémico de transcrições de entrevistas, notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou.” (Bogdan e Biklen, 1994, p.205)

Assim, os dados recolhidos e tratados vão ao encontro dos conceitos apresentados no enquadramento teórico, na medida em que dão resposta às questões que originaram este trabalho.

Relativamente às notas de campo observadas, as quais recolhi no decurso da minha prática pedagógica, de acordo com a análise e o conteúdo das mesmas, tendo como referência os quatro tipos de jogos apresentados anteriormente (o jogo funcional; o jogo construtivo; o jogo faz-de-conta e o jogo com regras), verifiquei que as notas de campo incidiam somente no jogo faz-de-conta. Segundo Brazelton e Sparrow (2003, p.197) o jogo do faz de conta é característico nas crianças destas faixas etárias porque “(...) são um escape (...) para que cresçam, para que executem, para que se adaptem”

Contudo, ao efetuar uma observação mais pormenorizada sobre o conteúdo das notas de campo, dentro do jogo faz-de-conta organizei duas subcategorias sendo elas:

- 1) Representação ligada à vida familiar
- 2) Representação ligada à vida social

No que concerne à representação ligada à vida familiar, observa-se que por serem crianças com idades compreendidas entre os quatro e cinco anos encontram-se

ainda numa fase de desenvolvimento muito ligadas às figuras parentais, o que significa que são extremamente observadoras em relação aos comportamentos dos mesmos e assim infere-se que tentam reproduzir os modelos parentais.

Por outro lado, relativamente à representação ligada à vida social, constata-se que de acordo com a mesma faixa etária, as crianças com base na brincadeira estabelecem relações interpessoais com os outros e expressam os seus desejos ou necessidades. Segundo Kishimoto (2003, p.43) “ (...) ao prover uma situação imaginativa por meio da atividade livre, a criança desenvolve a iniciativa, expressa seus desejos e internaliza as regras sociais. ”

Relativamente às notas de campo ligadas à representação da vida familiar destaco a nota de campo número 1 que evidencia uma situação de brincadeira livre no espaço exterior na hora do recreio.

“A M.C e a T. estão juntas (...) a brincar com uma boneca em que ambas penteiam o cabelo com a escova e colocam através de um spray água na cabeça. T. afirma “Daqui a bocadinho, a boneca está a tomar banho! Chega de pentear, diz a M.C” (...) I aproxima-se da M.C ao qual a M.C lhe diz “Saí daqui, não podes olhar” e simultaneamente penteia cada vez com mais força o cabelo da boneca” Por fim, M.C aproxima-se da I. e diz-lhe: “No final vês, portanto, vais-te embora.”

(Nota de campo nº1, 4 de junho de 2013)

Na minha opinião, nesta situação em particular, observa-se três crianças a brincar com uma boneca, podendo representar uma cena da vida familiar. Contudo, a M.C assume um papel de liderança na ação, por isso a análise centra-se no comportamento que a M.C adota perante a brincadeira. No decorrer da sua brincadeira parece representar a figura materna a pentear a filha, ou a mãe a tratar da filha dando-lhe banho em casa, ou ainda poderá representar uma situação em que a mãe acompanha a filha ao cabeleireiro

Creio que as crianças nesta faixa etária têm uma relação extremamente forte com os progenitores.

De acordo com Vygotsky (1998, p. 124) “A criança imagina-se como mãe da boneca e a boneca como criança e, dessa forma, deve obedecer às regras do comportamento maternal”

Relativamente à segunda nota de campo, nesta situação em concreto, as crianças parecem representar uma cena familiar que decorre na casinha. Há uma personagem que

divide papéis, em que um é o irmão mais velho, a outra é a mãe e ainda há um primo que assume funções de cuidador de um bebê.

O exemplo seguinte ilustra a nota de campo número 3.

“ (...) A M.N diz para o B. “Tu és o mano mais velho, e eu é que sou a mãe, ai ai!” Entretanto, B. diz para a M.N: “vamos pôr o bebé na cama, de castigo e vamos para o casamento.” B. dirige-se ao M.F e diz “tu tomas conta da casa e da prima que está na cama!”

(Nota de campo nº3, 11 de junho de 2013)

Para Mário Cordeiro (2007, p.332) o domínio do simbólico é quando “ a experimentação de enredos diferentes vai obrigar a montar cenários diferentes, por vezes sem ser apenas na imaginação (...) e essa tentativa, mais realista ou mais surrealista, ajuda a criança a passar do domínio da fantasia (...) para o domínio real. ”

Quanto à terceira nota de campo, aponta para uma situação vivida em contexto exterior, representando uma cena de vida familiar a qual é marcada por duas crianças, que geralmente não partilham brincadeiras entre elas, tal como ilustra a nota de campo número 5.

“ Esta ação decorre no espaço exterior, a R. estava (...) sentada no chão aproximo-me dela e digo: O que é que tens aí? Ao qual responde: Este é o Luizinho, tem uma pilinha, já viste? Seguidamente coloco-lhe outra questão: Porque é que não lhe veste uma roupa? E responde: Porque ele quer ficar ao solinho para ficar quentinho. E questiono-a: Posso levar o Luizinho para minha casa para lhe vestir umas roupas? Não (...) porque é meu! Aproxima-se a M.U e digo para a R: então posso dar o bebé à M.U? De imediato a R diz que não e retira-me o bebé dos braços. Após esse momento M.U diz para a R:O Luizinho está um bocado sujo, mas R ignora. Ao verificar esta situação digo para a M.U: Agora és tu que tomas conta do bebé e R diz novamente: Não! Uma vez mais questiono a R e digo: E à Joana podes emprestar? Só a ti, a ela não porque ele tem dói-dói. (...) R. diz: já sei, levas o bebé para a tua sala para ver se ele fica melhor”

(Nota de campo nº5, 18 de junho de 2013)

Creio que, no desenrolar desta brincadeira observa-se duas crianças a brincar com uma boneca, retratando uma situação de vida familiar. A mãe da R. deu recentemente à luz um rapaz e após o seu nascimento, observa-se esta brincadeira em particular que pode traduzir essa experiência. Assim, nesta situação em concreto a R. parece desempenhar uma mãe protetora que cuida do bebé, assumindo total controlo

face à brincadeira e à M.U, vendo ainda o adulto como um espelho da figura de referência que pode auxiliar o bebê.

De acordo com Hohmann e Weikart (2003, p.106) “ As brincadeiras das crianças pequenas são frequentemente sinais do centro das suas vidas, refletindo situações familiares emocionalmente carregadas como nascimentos. ”

Mário Cordeiro (2007, p. 334-335) completa ao dizer que “ A teatralização das brincadeiras é uma forma da criança poder sentir-se livre para expressar o que sente.”

Relativamente à segunda subcategoria: representação ligada à vida social, em que as crianças alargam os seus contatos com outros adultos e com o meio envolvente para compreender o real e o seu papel no mundo.

Neste contexto, irei seguidamente apresentar a nota de campo número 2.

“ A M.C, a M.N e a R. estão juntas no recreio a brincar. A M.C levanta-se com o dedo indicador esticado e diz para as amigas: Eu sou sempre a polícia, ouviram? A M.N responde: Não, não! E dirigindo-se à R. agarra-a pelo braço e diz-lhe: estás presa não fujas! (...) M.N decide coloca-la contra a árvore e diz: Estou-te a trancar e nunca mais foges, ouviste? (...) M.N coloca-se à frente da R e diz: agora estás na cadeia!”

(Nota de campo nº 2, 7 de junho de 2013)

Parece-me importante nesta situação de brincadeira que o adulto esteja como observador para compreender qual o decurso que as crianças dão à ação e até que ponto conseguem resolver os conflitos entre elas, sem intervenção do adulto. Penso que este tipo de representação ligada à vida social enriquece a identidade pois as crianças ao experimentarem outras formas de ser enquanto personagens, expandem as suas perspetivas face às pessoas que a rodeiam. Creio ainda que, este tipo de jogo e/ou brincadeira permite à criança desempenhar vários papéis sociais, ao representar personagens.

E tal como afirma Mário Cordeiro (2007, p.332-333) “ A interação das crianças, umas com as outras, implica sempre questões como o conhecimento do outro, confiança e desconfiança, vontade e receio (...) representa também a necessidade de negociação, escutar, argumentar e ceder. ”

Na próxima nota de campo, a ação desenrola-se no espaço exterior num momento de brincadeira livre e espontânea, em que duas crianças reproduzem uma cena ligada à vida social.

O exemplo seguinte representa a nota de campo número 4.

B. está sozinho a brincar, eu aproximo-me da criança e digo: Queres brincar com a Joana? Ao qual B. responde que sim e seguidamente pergunta-me: O que queres comer? Um gelado (...) hipoteticamente entrega-me o gelado e provo. Após este momento aproxima-se a I. (...) que finge beber um sumo. (...) B. tenta impedir a sua presença ao dizer: Não, saí, tu não (...) eu estou a brincar com a Joana, saí! Ao verificar esta situação digo: A Joana tem uma ideia, vamos brincar os três. Que tal irmos tomar o pequeno-almoço? Eu quero um pão com manteiga e vocês? I responde: eu quero um bolo. (...) agora só falta o B. e tu o que vais querer? Quero bolachas! Por fim, aproximo-me do B e digo: Viste como é tão bom fazer os outros felizes? Não te sentes contente por termos brincados os três? B. respondeu com um beijinho e um abraço.

(Nota de Campo nº 4, 14 de junho de 2013)

As relações com os pares assumem um papel relevante contribuindo para o desenvolvimento da competência social. Julgo que nesta situação a intervenção do adulto assumiu um papel crucial na medida em que, contribuiu para a interação social e coesão entre ambas as crianças.

A respeito disso, Hohmann e Weikart (2003, p.615) dizem que as crianças “ao resolver as disputas com os colegas (...) começam por perceber como respeitar as necessidades dos outros, ao mesmo tempo que resolvem as suas (...) que os sentimentos dos outros são importantes, e que é possível resolver conflitos de forma a que ambas as partes fiquem satisfeitas com o resultado.”

Após, a análise das notas de campo, irei seguidamente analisar as entrevistas.

Para tal, foram colocadas duas questões às crianças:

- 1) Quais as tuas brincadeiras preferidas?
- 2) O que é para ti brincar?

Depois da transcrição dos dados obtidos, procedi à sua organização. Assim, de forma a auxiliar o processo recorri à elaboração de quadros que me permitiram fazer uma leitura elucidativa quanto aos dados das entrevistas.

No que concerne á organização dos dados Quivy e Campenhoudt (2005, p.216) expressam que “agregar dados (...) significa agrupá-los em subcategorias ou exprimi-los por um novo dado pertinente.”

Para organizar e agregar os dados, elaborei uma grelha relativamente às questões que coloquei às crianças, que se encontram em anexo (ANEXO IV).

Quando se questionou cada uma das crianças relativamente às suas brincadeiras preferidas, curiosamente observou-se que as respostas se enquadram nas categorias apresentadas pelos autores Piaget (1971) e Papalia (2009) na revisão de literatura, a saber:

1) O jogo funcional	2) O jogo construtivo
3) O jogo faz-de-conta	4) O jogo com regras

Procedendo à leitura dos dados, verifica-se pelas respostas que as brincadeiras preferidas das crianças apresentam uma maior prevalência de indicadores no tipo de jogo construtivo, mais concretamente nas construções, com materiais, exemplo disso são as seguintes respostas:

- *“...aos legos, porque faço torres gigantes e castelos”;*
- *“...aos legos, porque podemos construir torres, castelos e casas”;*
- *“...gosto de fazer legos e fazer torres porque é divertido”;*
- *“...com legos por causa que é giro e porque aprendo a fazer foguetões”;*
- *“...fazer legos, porque faço uma construção muito alta”;*
- *“...aos jogos, porque é giro e tem imensas peças”;*
- *“...fazer picos, porque eu sempre faço e porque é importante para mim.”*

De facto, durante a prática pedagógica observei em diversas situações que as crianças gostavam muito de fazer construções no tapete com legos, quer as crianças de quatro, quer as crianças de cinco anos. Usualmente, o tipo de construções que realizavam eram casas ou castelos, por vezes associados a temas de histórias partilhadas pela educadora em que, as crianças tentavam reproduzir algumas dessas situações com legos.

Outro tipo de brincadeiras preferidas das crianças remete para os jogos de manipulação, nomeadamente os que envolvem o uso de objetos, tais como:

- *“...com a bola porque eu quero e gosto”;*
- *“...à corda (...) porque eu quero estar a brincar sossegada;”*

- “...com carros, porque eu faço uma coleção com eles em casa e porque são todos das cores que gosto mais”;

- “...com carros, porque a minha mãe compra carros e o meu irmão brinca comigo.”

De acordo com os objetos acima enunciados como prediletos pelas crianças, constatei que os jogos de bola e a brincadeira com carros promoviam a cooperação entre pares, por sua vez a corda é uma atividade mais individualizada, geralmente praticada por elementos do género feminino, evidenciando a sua força e destreza.

Os dados revelam que a segunda categoria com mais respostas são os dados ligados ao jogo simbólico da subcategoria que representam a vida familiar:

- “...aos pais e às mães, porque eu gosto de ser o pai e porque sou rapaz”;

- “...aos pais e às mães, porque gosto de saber que não sou rapaz. É uma coisa normal que gosto de fazer!”;

- “...às cozinhas, porque faço massinha com atum.”

No decurso do estágio, observei que a área da casinha era geralmente muito disputada entre as crianças, pois tinham grande necessidade de imitar os adultos e reproduzir vivências do dia-a-dia, utilizando adereços e utensílios de acordo com as situações representadas.

Ainda, dentro da categoria do jogo simbólico, surgem com menos indicadores a representação de animais, apresentando as seguintes respostas:

- “...aos cavalos, porque uso máscaras do cavalo e trago-as de casa”;

- “...aos cães, porque eu gosto de ser o cão, porque há muitos que são bebés e eu é que sou o cão bebé.”

Nesta situação em concreto, verifiquei que algumas crianças tinham interesse em reproduzir seres vivos, mas não humanos, porque apontam precisamente para cavalos e cães. Segundo Brazelton e Sparrow (2003, p.198) “Nesta idade, as crianças expressam uma mistura entre fantasia e medos ao brincarem com figuras não-humanas.” As brincadeiras e/ou jogos que envolviam este tipo de animais eram reproduzidas quer na casinha, quer em ambiente exterior (no recreio) fruto de conversas espontâneas sobre o tema dos animais abordados em contexto de sala.

Por último, surge a categoria - jogo de regras, apenas com um indicador em que a criança indica o jogo das escondidas:

-“...às escondidas! Porque eu arranjo muitos sítios bons para me esconder e escondi-me quase sempre no mesmo sítio (...) é fora da gaiola! É no escorrega e depois eu escondi-me e depois fico muito caladinho e depois o menino que é a contar ou a menina não sabe que eu estou ali, e também porque gosto muito de estar a contar.”

Este jogo em particular era efetuado quase sempre por iniciativa da mesma criança no grande grupo, devido ao facto de já saber contar, o que eventualmente lhe podia criar motivação para a concretização do mesmo.

Quanto à segunda questão, colocada às crianças: o que é para ti brincar? organizei as respostas em quatro categorias distintas a saber:

CATEGORIAS			
Interagir com o outro	Divertimento	Ocupação do tempo	Manipulação de materiais

Deste modo, quando perguntei às crianças qual a sua opinião em relação ao que é brincar, no seu geral atribuíram-lhe uma dimensão social, alicerçada na interação com o outro:

- *“...é atirar a bola para o pai e o pai atirar a bola para mim e também é falarmos com os outros sobre o fim de semana”;*
- *“...é ir ao parque do alvito, brincar com o meu irmão”;*
- *“...é brincar com o meu irmão”;*
- *“...é ser amigo e brincar com os outros”;*
- *“...é brincar aos cavalinhos, brincar na casinha aos pais e às mães”;*
- *“...é brincar com os amigos”;*
- *“...é fazer o que as professoras dizem”;*
- *“...é fazer coisas com os outros.”*

Por outro lado, é de realçar que as crianças atribuem ainda um significado de divertimento à brincadeira, pois o divertimento surge como sinónimo de prazer, indo ao

encontro da dimensão social porque também ele implica o outro, tal como sugerem as seguintes afirmações:

- “...é estar a divertir-se com os outros”;
- “...é divertir”;
- “...é correr e saltar, é fazer coisas porque nos dá energia!”;
- “...é o que queremos fazer e gostamos.”

Surge ainda outro tipo de conceção do que é brincar para as crianças:

- “...é uma coisa que se faz quando os outros estão a fazer outras coisas.”

Esta resposta pode querer dizer que para a criança a brincadeira é uma tarefa de ocupação de tempo, enquanto os outros realizam outras atividades. No meu entender, esta ideia pode remeter para uma desvalorização da brincadeira.

Esta leitura que a criança faz da brincadeira, reflete precisamente que brincar pode não ser um ato divertido, mas sim apenas uma ocupação de um tempo e espaço.

Por fim, surgem outras respostas que organizei na categoria manipulação de materiais, em que as crianças referem que a brincadeira está relacionada com legos e outros materiais de construção, bem como a manipulação de materiais como a corda:

- “...é fazer legos”;
- “...é fazer pinturas com tintas”;
- “...é fazer jogos”;
- “...é fazer desenhos e legos”;
- “...é fazer construções”;
- “...é fazer picos”;
- “...saltar à corda e brincar com o arco”;
- “...é tirar os brinquedos da gaveta”;
- “...madeiras e picos.”

Os resultados obtidos e apresentados permitem concluir que:

No que concerne à brincadeira preferida, a grande maioria revela grande empatia na construção de materiais, pois dá-lhe prazer reproduzir através dos legos situações que observa e aprende com os adultos que lhe transmite a ideia de mundo.

Relativamente à importância do brincar pode dizer-se que na generalidade os sujeitos inquiridos consideram o brincar como uma atividade que implica o outro para a sua concretização, que lhes dá prazer. Considero também que, o brincar se liga à manipulação de materiais e saliento os jogos de construção como os mais evidentes.

Por outro lado, observa-se que uma criança manifestou a sua opinião em que o brincar pode ser “...*uma coisa que se faz quando os outros estão a fazer outras coisas*”, o que pode querer dizer que há uma desvalorização do brincar enquanto atividade fundamental da criança, o que levanta questões sobre o significado que a brincadeira assume na prática educativa da sala.

No cruzamento dos dados das notas de campo e entrevistas pode observar-se que as crianças, quer sejam do género feminino ou masculino, independentemente de virem diretamente do contexto familiar (ou de outra escola), bem como do tipo de família e do número de irmãos assumem vários papéis enquanto brincam, manipulam diferentes objetos e materiais, brincam sozinhas e com os outros, ou mesmo com os adultos, o que significa que a brincadeira é fundamental para o “ (...) completo desenvolvimento do potencial humano.” (Hohmann e Weikart, 2003, p.19)

Por isso, se poderá concluir que, o brincar é muito importante para a construção da identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na conclusão deste trabalho vou apresentar aspetos ligados, não só a referenciais teóricos como a dados recolhidos no decurso da minha prática pedagógica.

Este trabalho visa conhecer e compreender os contributos das brincadeiras na construção da identidade das crianças, partindo da minha curiosidade sobre a função da brincadeira no desenvolvimento da criança.

Neste sentido, através da perspectiva de vários autores de referência enunciados ao longo do trabalho procurei dar resposta ao problema, a partir do qual formulei algumas questões que passo a apresentar:

- 1) Como é que as crianças reforçam a identidade durante a brincadeira?
- 2) De que modo a brincadeira intervém no processo de socialização das crianças?
- 3) Qual a conceção que as crianças (da sala em que realizei a minha prática pedagógica) apresentam da brincadeira?

Relativamente, à primeira pergunta, verifiquei que a génese da identidade surge precocemente quando ocorre o processo de vinculação da mãe com o bebé, em que esta lhe transmite a ideia de mundo.

No período sensório-motor, as crianças numa primeira fase brincam com o seu corpo e posteriormente centram-se na manipulação de objetos, dando-lhes a possibilidade de explorar o meio circundante. Contudo, à medida que as crianças progredem na idade, o brincar possibilita-lhes conhecer a realidade, objetos e pessoas construindo a sua própria identidade. Assim, por via da brincadeira simbólica, nomeadamente através do jogo faz-de-conta a criança representa diversos papéis, dando prolongamento aos comportamentos parentais e de outros, ligados ao meio envolvente, permitindo-lhes conhecer a diferenciação eu-outro.

Neste sentido, a construção da identidade reflete a expressão do eu, que pode ser feita por via da brincadeira, quando as crianças expressam os seus sentimentos e colocam-se em confronto com os outros, promovendo a interação.

Quanto à segunda questão, observa-se que, as crianças estabelecem através da brincadeira cooperada, relações emocionais e progressivamente desenvolvem contatos

sociais com os pares. Assim, ludicamente socializam com o outro, construindo-se através da interação. Vygotsky demonstrou que a atividade humana é mediada, isto é, apreendida com o seu significado, na relação com o outro. Piaget, valoriza todo o envolvimento, a construção do ser e do pensamento que necessita da interceção com o meio.

No que concerne à terceira questão, permitiu-me descodificar os sentidos que as crianças atribuem ao brincar. Assim, os dados recolhidos nas entrevistas demonstram que, a conceção do brincar tem para as crianças uma dimensão de interação com o outro, isto é, implica o conhecimento do semelhante, bem como a cooperação e a partilha; uma dimensão de divertimento, porque lhes dá prazer; uma dimensão de ocupação de tempo, e uma dimensão de manipulação de objetos, fazendo deles o que querem, podendo ser, quem elas querem.

Relativamente aos dados recolhidos na observação direta – notas de campo permitem-me inferir que as brincadeiras das crianças se ligam também ao simbólico – jogo do faz-de-conta, representando aspetos da vida familiar e social. Estes dados revelam ainda que as crianças nas suas brincadeiras têm preferência pela manipulação de objetos em diferentes contextos, permitindo uma descoberta de si, dos outros e do meio envolvente.

Tendo em conta as questões apresentadas no âmbito na brincadeira e da identidade, considero que através da ação lúdica, as crianças, ativam espontaneamente relações com os outros, relações de cada eu consigo próprio, com situações e materiais sociais postos à sua disposição, e nesta perspetiva é através do jogo que a criança experiencia a realidade, vivendo as suas frustrações e gerindo os seus conflitos internos. Paralelamente, compreendi que, as crianças querem descobrir o outro e fazem-no através das múltiplas brincadeiras e/ou jogos que efetuam.

Assim, ao envolver-me neste estudo, posso constatar que, o processo de investigação com crianças é tão complexo e compensador, como interagir e trabalhar com elas, uma vez que exige atenção aos contextos de cada criança, permitindo que as mesmas apresentem os seus mundos, isto é, possibilitam que o investigador recolha informações, criando inferências válidas a partir dos seus testemunhos. Neste sentido, o jogo é um espaço de socialização e de construção da identidade, uma vez que, permite às crianças adquirir e desenvolver competências nos diversos sentidos.

Pelos motivos atrás expostos, considero como gratificante todo o processo de aprendizagem pessoal na realização deste estudo, no entanto, saliento alguns constrangimentos na realização do mesmo.

Creio que o fator tempo foi um dos grandes condicionamentos do trabalho, pois seria interessante se o estudo fosse mais aprofundado. Por outro lado, os dados recolhidos no terreno não podem ser generalizados a outros contextos semelhantes, visto que os sujeitos participantes no estudo (as crianças de 4 e 5 anos da sala em que realizei a minha prática pedagógica) representam uma “amostra” muito limitada.

Relativamente ao estágio proporcionou-me o desenvolvimento de competências pessoais e profissionais, com a consciência de que a minha aprendizagem será uma constante ao longo da vida. Assim, foi numa perspetiva de aprendizagem pessoal e profissional que encarei o estágio, considerando-o como uma experiência significativa e formativa.

Ainda assim, gostaria de evidenciar, que devido ao facto de valorizar muito a componente humana encontrei na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich o espelho dos meus valores enquanto pessoa, transmitindo-os na relação com os outros. E tal como dizia Maria Ulrich (2008, p.110) *“O passado interessa no que ele nos pode comunicar de inspiração e estímulo para os novos caminhos que estamos a traçar. Devemos mantermo-nos fiéis às raízes, considerando-as um desafio para a construção do presente donde depende o futuro.”*

Este trabalho, permitiu-me compreender que o processo de investigação não é um procedimento indiferente, pois possuí uma flexibilidade essencial para se adaptar aos objetivos específicos e singulares que uma investigação tem que criar e não reproduzir.

Em suma, fiquei mais enriquecida com os conhecimentos adquiridos por via deste estudo, que não representam mais do que ferramentas para a elaboração de uma futura investigação que gostaria de aprofundar sobre o mesmo tema, mas com uma “população” mais alargada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação. Um guia prático e crítico*. Porto: edições ASA.
- Alarcão, I. (1996). *Formação Reflexiva de Professores. Estratégias de Supervisão*. Porto: Porto Editora.
- Alves, L. (2008). *Quem foi Maria Ulrich*. Coimbra: Edições Tenacitas
- Bandet, J. & Sarazanas, R. (1973). *A criança e os brinquedos*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Bee, H. (1997). *O Ciclo Vital*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bee, H. (2003). *A criança em Desenvolvimento*. Porto Alegre: Artmed.
- Berger, P. & Luckmann, T. (2008). *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis: Vozes.
- Bogdan, R. & Taylor, S. (1986). *Introdução aos métodos qualitativos de investigação: A procura de significados*. Buenos Aires: Editorial Padós.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bogdan, R. & Bikle, S. (1999). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Branco, M. (2010). JOÃO DOS SANTOS. *Saúde Mental e Educação*. Lisboa: Coisas de Ler.

- Brazelton, T. & Sparrow, J. (2003). *A Criança dos 3 aos 6 anos. O desenvolvimento emocional e do comportamento*. Lisboa: EDITORIAL PRESENÇA
- Cordeiro, M. (2007). *O LIVRO DA CRIANÇA. Do 1 aos 5 anos*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Chaplin, J. (1981). *Dicionário de Psicologia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Costa, J. & Melo, A. (1997). *Dicionário de Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- Erikson, E. (1976). *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Estrela, A. (1984). *Teoria e Prática de Observação de Classes. Uma estratégia de Formação de Professores*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Garvey, C. (1979). *BRINCAR*. Lisboa: Moraes Editores.
- Graue, M. & Walsh, D. (2003). *Investigação etnográfica com crianças: Teorias, métodos e ética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Guimarães, M. & Costa, I. (1986). *EU ERA A MÃE*. Algueirão: Ministério da Educação e Cultura.
- Hohmann, M. & Weikart, D. (2003). *EDUCAR A CRIANÇA*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jacquin, G. [19--]. *A psicologia da criança*. Linhas fundamentais. Lisboa: SET.
- Kamii, C. (2003). *A Teoria de Piaget e a educação PRÉ-ESCOLAR*. Lisboa: Instituto Piaget.

- Ketele, M. & Rogiers, X. (1999). *Metodologia de recolha de dados*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Kishimoto, T. (1998). *O Brincar e suas teorias*. São Paulo: Pioneira.
- Kishimoto, T. (2003). *O jogo em educação infantil*. São Paulo: Pioneira.
- Kishimoto, T. (2011). Edição 18 – Brinquedos Educativos. Entrevista da USP: brincar é diferente de aprender. Consultada em 25 de junho de 2013. <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/noticias.html?idEdicao=19&idCategoria=8>
- Papalia, D.; Olds, S. & Feldman, R. (2009). *O Mundo da Criança. Da Infância à Adolescência*. São Paulo: McGraw-Hill.
- Pedro, G. (1982). *Influência no comportamento do recém-nascido do contacto precoce com mãe*. Faculdade de Medicina de Lisboa.
- Piaget, J. (1971). *A formação do Símbolo na Criança*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Piaget, J. (1973). *O homem e as suas ideias*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Piaget, J & Inhelder, B. (1993). *A Psicologia da Criança*. Porto: Edições ASA.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva
- Sá, E. (2003). *Psicologia dos Pais e do Brincar*. Lisboa: Fim de século.
- Santos, J. (1983). *Ensaio sobre educação II. O falar das letras*. Lisboa: Livros Horizonte.

- Schaffer, R. (2004). *Introdução à Psicologia da criança*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Silva, L. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Departamento da Educação Básica – Ministério da Educação.
- Sousa, A. (2009). *Investigação em educação*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Vygostky, L. (1998). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. (2009). *A Imaginação e a Arte na Infância*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Winnicott, D. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Winnicott, D. (1979). *A Criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar

ANEXOS

ANEXO I

Notas de Campo

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

1

Situação: Jogo Faz de Conta – Representação ligada à vida familiar.

Data: 04 de junho de 2013

Hora: 14h:51m

Local: Recreio (Escola Avé-Maria)

Intervenientes: Três crianças (M.C; T. e I.)

Sexo: Feminino

Idade: 5 anos

Outros indicadores de Contexto: A M.C trouxe a boneca, o spray e a escova de casa consigo

Descrição	Inferência
<p>A M.C (5 anos) e a T. (5 anos), estão juntas no recreio, mais propriamente numa mesa de madeira a brincar com uma boneca, em que ambas penteiam o cabelo com a escova e colocam através de um spray água na cabeça de uma boneca.</p> <p>A M.C começa por pentear a boneca, e enquanto está com o spray em seu poder avisa a T. que ninguém pode mexer.</p> <p>De seguida a T. pergunta à M.C: “Agora faço o quê?” e a M.C diz-lhe para colocar água, apontando para a cabeça. Por outro lado, M.C afirma: “Ainda bem que trouxe isto!” e T. insiste ao dizer: “Tens que por muito também atrás e pentear mais!” M.C responde: “ Espera!” e de seguida T. afirma: “Daqui a bocadinho, a boneca está a tomar banho!”. “Chega de pentear”, diz a M.C.</p> <p>Após este momento, ambas decidem ir</p>	<p>- Que papel a M.C estará a assumir? O de cabeleireira ou simplesmente será esta uma atitude baseada na forma como ela imita a mãe quando esta arranja o cabelo?</p>

<p>para outro espaço do recreio, precisamente para junto de uma árvore, e de seguida outras crianças aproximam-se delas para ver o que estavam a fazer.</p> <p>T. pergunta a M.C: “Agora já posso pentear?” e M.C responde: “Já sei, tu pões água! dando-lhe o frasco para a mão. T. afirma: “Isto não é água, é spray” colocando-lhe o frasco em frente dos olhos. M.C diz-lhe: “Agora não mexes, sou eu!”, “Não, primeiro sou eu” diz a T.</p> <p>Após este momento M.C começa a gritar “Não, saí, saí!”, reafirmando de seguida: “Se não saís, não te deixo mexer na minha boneca.” No mesmo instante mostra o spray a T. e diz-lhe: “Isto já está sem água, vai pôr!”</p> <p>Entretanto I. (5 anos) aproxima-se da M.C ao que esta lhe diz: “ou I. saí daqui, já te chamo, há coisas que não te quero mostrar”. I. afasta-se fisicamente, mas o seu olhar continua fixo na M.C e na boneca.</p> <p>Sensivelmente, 2 minutos depois chega a T. com o frasco cheio de água e diz para a M.C: “Já está!” Seguidamente I. faz uma nova tentativa e aproxima-se da M.C e da T. ao qual a M.C lhe diz: “Saí daqui, não podes olhar!” e simultaneamente penteia cada vez com mais força o cabelo da boneca.</p> <p>Sensivelmente, 4 minutos depois I. pergunta a M.C: “ E agora, já posso?” ao</p>	<p>- M.C assume um estatuto ao adotar uma posição de liderança durante a brincadeira.</p> <p>- Qual será a necessidade que a M.C sente ao dar ordens constantemente?</p> <p>- Será que agi corretamente ao permitir que a M.C não deixasse que a I. participasse na brincadeira?</p>
---	--

<p>qual M.C responde: “Não, já te vou chamar!”</p> <p>No momento seguinte a M.C e a T. colocam-se de costas para a I. e tapam o spray para que esta não consiga ver o que estão a fazer.</p> <p>Por fim, M.C aproxima-se da I. e diz-lhe: “No final vês, portanto vais-te embora.”</p>	
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>Já observei inúmeras vezes que a M.C em brincadeiras que envolvam a partilha, geralmente age de forma centrada face à posse, liderança dos brinquedos, das situações e dos pares, provocando alguns desentendimentos, não respeitando as opiniões dos outros. Devo falar com ela a respeito do seu comportamento ou será esta uma conduta característica desta faixa etária?</p> <p>Para Piaget, segundo Helen Bee (2003, p. 201 - 203) “ (...) via o pensamento do pré-escolar como rígido, capturado pelas aparências, insensível a inconsistências e preso à sua própria perspetiva – uma qualidade que Piaget denominou egocentrismo. A criança não está sendo egoísta; ela apenas pensa (supõe) que todos vêem o mundo como ela o vê.”</p> <p>Deste modo, é fundamental dar a conhecer à criança a possibilidade e o contributo que os outros podem ter no desenrolar das suas brincadeiras, não os excluindo, mas sim integrando-os.</p> <p>Por outro lado, para Bandet e Sarazanas (1973, p.151) afirmam que “(...) as regras morais são sempre proibições. Daí se poderiam (...) tirar conclusões sobre a forma negativa de moral familiar, e sobre a maneira como as crianças se libertam, atirando sobre a boneca o peso de uma autoridade demasiado constrangedora.”</p>	

NOTA DE CAMPO

Situação: Jogo Faz-de-conta – Representação ligada à vida social.

Data: 07 de junho de 2013

Hora: 16h:08m

Local: Recreio (Escola Avé-Maria)

Intervenientes: Três crianças (M.C; M.N e R.) e eu (estagiária)

Sexo: Feminino

Idade: 5 anos / 5 anos / 4 anos

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>A M.C (5 anos) a M.N (5 anos) e a R. (4 anos) estão juntas no recreio, atrás de uma árvores sentadas no chão a brincar.</p> <p>A M.C levanta-se e com o dedo indicador esticado diz para as amigas: “Eu sou sempre a polícia, ouviram?” A M.N responde de seguida: “Não, não!” e dirigindo-se à R. agarra-a pelo braço e diz-lhe: “estás presa não fijas!” Enquanto a M.N vai buscar uma corda de saltar para a prender, a R. foge e a M.N diz para a M.C: “deixaste-a escapar!” e a M.C encolhe os ombros.</p> <p>Entretanto, a M.N corre pelo recreio em busca da R. até que finalmente a encontra, agarra-a e dirige-se à M.C dizendo: “apanhei-a, toma, toma!” mas, M.C ignora-a por momentos. Com a R. segura pelos braços M.N decide coloca-la contra a árvore e diz-lhe: “estou-te a trancar e nunca mais foges, ouviste?”</p>	<p>- Na minha opinião, a criança teve esta atitude porque queria que a M.C verificasse que a M.N tinha capacidades de ser uma boa polícia.</p>

<p>Seguidamente, M.C diz para a M.N: “já sei, para ela não fugir outra vez, prende-a com a corda de saltar!” A M.N concorda e dirige-se ao banco a fim de ir buscar a corda enquanto a M.C fica a controlar a R. De regresso, M.N sugere: “A Joana pode ser a nossa ajudante?” Á qual respondo: “A Joana tem que estar aqui a escrever quem são os meninos que estão a portar-se bem.” Enquanto a M.C e a M.N ouvem a minha justificação a R. foge. Entretanto, ao verificar essa situação digo-lhes: “já repararam que o ladrão fugiu outra vez?” Ambas decidiram que iam prendê-la novamente. No instante a seguir, M.C diz para a M.N: “vai apanhá-la que eu fico aqui!” ao qual M.N responde: “não sei onde está o nosso ladrão!” Uma vez mais intervimos ao dizer-lhes: “posso dar-vos uma pista, o ladrão está perto do escorrega.” No momento seguinte, as duas correm para a apanhar a R. De regresso à árvore com a R. presa pelos braços de ambos os lados, a M.N diz: “está de volta o ladrão, agora vou prender-te para sempre!” e imobiliza a R. junto à árvore com a corda em redor da cintura. Simultaneamente, enquanto a M.C prende a corda às traseiras da árvore, coloca-se á frente da R. e diz-lhe: “agora estás na cadeia!” á qual a R. responde: “É a primeira vez que fico presa.”</p> <p>Por fim, M.N vai buscar um balde que se</p>	<p>- Terá sido a minha atitude a mais correta ao verificar que ambas prenderam a R. com uma corda para dar seguimento à ação?</p> <p>- Será que a criança ao solicitar a minha ajuda estava preocupada em que eu resolvesse a situação por ela, ou simplesmente queria que eu participasse na brincadeira?</p> <p>- Será que ambas as crianças queriam experimentar as suas capacidades motoras como forma de autoconhecimento?</p>
---	---

<p>encontra junto ao bebedouro, coloca-o junto à árvore e diz para a R: “só vais ficar aqui com um balde para beber água á séria e nós vamos embora.”</p>	
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>A imagem de si própria está intimamente ligada ao cognitivo, isto é, à capacidade que a criança tem ao tentar compreender quais são as suas competências, ou seja, o que é ou não capaz de fazer de acordo com as suas próprias capacidades, a nível social e físico.</p> <p>Segundo Mário Cordeiro, (2007, p.220) “Como é que aprende-se a identificar?”</p> <p>Desenvolvendo os seus talentos e apreciando-os numa comparação com os outros, admirando-se a si própria.”</p> <p>Daqui se depreende, a importância que os outros significativos têm neste processo de autoconhecimento, pois a criança ao testar as suas próprias capacidades, adquire um conhecimento de si mesma, fazendo uma diferenciação de si para o outro. Assim, há medida que faz a diferenciação de si para o outro, quanto mais se diferencia, mais se conhece e quanto mais se conhece mais se diferencia. Nesta perspetiva, e analisando a descrição no momento em que a M.N colocou a corda em redor da R. penso que fê-lo com o intuito de medir as suas próprias capacidades, medindo a sua força e destreza perante os outros significativos.</p> <p>O mesmo autor, salienta ainda: “Como é que uma criança lida com o facto de os outros também serem, também terem uma cara (a sua identidade), um corpo, uma mente?</p> <p>Vendo-se a si própria física e intelectualmente.” (Mário Cordeiro, 2007, p.220)</p>	

NOTA DE CAMPO

Situação: Jogo Faz-de conta – Representação ligada à vida familiar.

Data: 11 de junho de 2013

Hora: 14h:05m

Local: Sala de aula (Escola Avé-Maria)

Intervenientes: Três crianças (B; M.F e M.N)

Sexo: Masculino; Masculino e Feminino

Idade: 5 anos

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>O B. (5 anos), o M.F (5 anos) e a M.N (5 anos) estão os três a brincar na casinha. A M.N diz para o B. “tu és o mano mais velho, e eu é que sou a mãe, ai ai!” Entretanto, o B. e o M.N dirigem-se à cozinha e colocam a mesa para o jantar. Cada um agarra em diferentes utensílios (pratos, talheres e copos) e colocam sobre a mesa. Simultaneamente, o M.F que está ao fogão a preparar ovos para o jantar diz para os amigos: “eu é que ponho o chapéu de cozinheiro” colocando-o sob a cabeça e M.N diz: “não, não” e retira-lhe o chapéu da cabeça. De seguida, M.F começa a atirar todos os utensílios que estão sob a mesa em direção ao chão. M.N com as mãos na cintura, grita: “não” ao qual M.F responde: “isto está uma trapalhice!” Instantes depois (sensivelmente 2 minutos) a M.N volta a colocar tudo sobre a mesa.</p>	<p>- Talvez por se considerar o único elemento feminino a M.N sentiu necessidade de atribuir papéis?</p> <p>- Será que o M.F ao atirar os utensílios para o chão queria chamar a atenção dos pares com o intuito de ter um papel de maior destaque durante a brincadeira?</p>

<p>Entretanto, B. diz para a M.N: “vamos pôr o bebê na cama, de castigo e vamos para o casamento.” Ambos, colocam o bebê na cama, tapando-o com panos e de seguida M.N dirige-se ao armário, retirando roupas e começa a colocar adereços, mas B. dirige-se ao M.F que está na cozinha a fingir que lava os pratos e diz-lhe: “tu tomas conta da casa e da prima que está na cama.” Entretanto, B. junta-se a M.N para vestir roupas para irem ao casamento. M.N ficou em casa e coloca todos os objetos no chão, desarrumando tudo.</p> <p>De regresso a casa B. pergunta a M.F: “o que é esta trapalhada?” e M.N diz: “estás despedido, agora somos nós que arrumamos a casa, rua!”</p>	<p>- Será que as crianças só assumem o papel de pais e mães a brincar com bebês?</p> <p>- Por repeti-lo inúmeras vezes, será que a criança sente prazer ao atirar os objetos para o chão?</p>
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>A brincadeira é um grande desafio porque a criança imita situações que observa e vive. Neste sentido, durante a brincadeira simbólica desenvolvida pelas crianças, a M.N faz referência a um bebê, talvez por recentemente ter tido uma irmã e durante a brincadeira, tenta imitar as ações da figura materna. Assim, a criança vai organizar internamente coisas que ainda não tem capacidade intelectual de organizar, por exemplo: não sabe o que é materializar um filho, no entanto, reproduz o brincar às mães e às filhas.</p> <p>Segundo Catherine Garvey (1979, p. 138) “ A expansão do mundo da criança reflete-se nestas escolhas de papéis. As crianças mais pequenas adotam o papel que coincide com a sua experiência real (bebê); ou assumem a relação recíproca à sua própria experiência (Mãe ou Pai).</p>	

NOTA DE CAMPO

Situação: Jogo Faz-de-conta – Representação ligada à vida social.

Data: 14 de junho de 2013

Hora: 11h:08m

Local: Recreio (Escola Avé-Maria)

Intervenientes: duas crianças (B. e a I.) e eu (estagiária)

Sexo: Masculino /Feminino

Idade: 5 anos

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>A ação desenrola-se no espaço exterior, num momento de brincadeira livre e espontânea, junto ao escorrega.</p> <p>O B. está sozinho a brincar, e eu aproximo-me da criança e digo: “queres brincar com a Joana?” Ao qual o B. responde que sim e seguidamente pergunta-me: “o que queres comer?” Um gelado de morango. Hipoteticamente entrega-me o gelado e provo e de seguida pergunto-lhe: “e tu, B. o que vais comer? “um sumo”, responde. Após ter provado, B. diz-me: Prova Joana! Seguidamente finjo levar o sumo à boca e digo “este sumo é muito bom, obrigado” e B. sorri.</p> <p>Após, este momento aproxima-se a I. (5 anos) juntando-se à brincadeira em que finge beber um sumo. B. tenta impedir a sua presença ao dizer para I. “não, saí, tu não!”</p> <p>Por sua vez, I. finge novamente beber o sumo e B. insiste: “eu estou a brincar com</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Será que o B. sentiu-se estimulado pela participação da estagiária? - B. não gostou da interferência da I. - I. quer mesmo participar na brincadeira, tentando várias formas de o fazer e B. demonstra ciúmes de I. - Que sentimentos terão sido promovidos na B. ao incentivar que a I. participa-se na brincadeira?

<p>a Joana, saí.”</p> <p>Ao verificar esta situação, digo para ambas as crianças:</p> <p>“A Joana tem uma ideia, vamos brincar os três. Que tal irmos tomar o pequeno-almoço?”</p> <p>Fomos os três de mão dada passear pelo recreio. Entretanto sugiro para nos sentarmos a fim de comermos e digo: “eu quero um pão com manteiga” e tu I.? I. responde: “eu quero um bolo”. De seguida questiono o B: “agora só faltas tu B. o que vais querer?” “quero bolachas” responde. E digo: Ai que meninos tão gulosos!</p> <p>Por fim, aproximo-me da B. e digo-lhe: “viste como é tão bom fazer os outros felizes? Não te sentes tão contente por termos brincado os três?</p> <p>B. respondeu com um beijinho e um abraço.</p>	<p>- B. ultrapassou a situação e parece feliz por ter conseguido.</p>
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>Nesta situação em concreto e enquanto modelo, demonstrei ao B. que quando partilharmos somos mais felizes, e de facto ao propor que fossemos os três tomar o pequeno-almoço simbolicamente, foi uma forma de conduzir a situação sem que nenhum dos intervenientes se sentisse excluído.</p> <p>Deste modo, é fundamental que o adulto enquanto modelo saiba estimular o contacto da criança com os outros, fazendo-a compreender que, mesmo quando está refugiada em si mesma, pode desenvolver alguns jogos e /ou brincadeiras de grupo.</p> <p>No entanto, creio que é saudável este tipo de situações ocorrerem, bem como necessário que haja um adulto por perto e atento, que saiba dar resposta, nomeadamente aos conflitos entre os pares, para que compreendam a importância do outro.</p>	
<p>NOTA DE CAMPO</p>	

Situação: Jogo Faz-de-conta – Representação ligada à vida familiar.

Data: 18 de junho de 2013

Hora: 14h:50m

Local: Recreio (Escola Avé-Maria)

Intervenientes: Duas crianças (R. e M.U) e eu (estagiária)

Sexo: Feminino

Idade: 4 anos / 5 anos

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>Esta ação decorre no espaço exterior.</p> <p>R. estava sozinha sentada no chão, aproximo-me dela e digo: “o que é que tens aí? Ao qual a R. responde: “este é o Luizinho, tem uma pilinha, já viste?”</p> <p>Seguidamente coloco-lhe uma questão: “porque é que não lhe vestes uma roupa?”</p> <p>A R. olha para o bebé e diz: “porque ele quer ficar ao solinho para ficar quentinho.” Entretanto, pede-me para tocar na barriga do bebé e diz: “já está quentinho, vês!” e coloca o bebé nos meus braços. E questiono-a: “posso levar o Luizinho para a minha casa para lhe vestir umas roupas?” Ao qual responde: “não, não podes levar para casa porque é meu!”</p> <p>Entretanto, aproxima-se a M.U e digo para a R.: “eu posso dar o bebé à M.U?” De imediato, R. diz que não e retira-me o bebé dos braços.</p> <p>Após esse momento, M.U diz para a R: “O</p>	<p>- Qual será o fundamento que a R. tem em evidenciar que o boneco é do sexo masculino?</p>

<p>Luizinho está um bocadinho sujo” apontando para a cabeça do boneco, mas R. ignora. Ao verificar essa situação digo para a M.U: “agora és tu que tomas conta do bebé” e R. diz novamente: “não!”</p> <p>Uma vez mais questiono a R. e digo: “e à Joana podes emprestar?” Ao qual R. responde: “Só a ti, a ela não porque ele tem dói-dói.” Onde? Pergunto. “Na testa e nas pernas”, responde a R.</p> <p>Por fim, digo-lhe: “e agora o que fazemos com ele?” R. diz: “ já sei, levas o bebé para a tua sala para ver se ele fica melhor e depois antes de irmos embora para casa, dás-me para o levar.”</p>	<p>- Será que, pela R. querer a minha atenção atribuiu simbolicamente uma doença ao boneco, servindo como brinquedo comunicativo entre mim e ela?</p> <p>- A R. ao confiar-me a entrega do boneco, terá sido um pretexto para um novo encontro ou porque viu em mim a solução para o problema do boneco?</p>
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>É do meu conhecimento por meio de uma conversa que estabeleci com a educadora cooperante que a R. recentemente teve um irmão. Talvez, esse seja um dos motivos pelo qual expressa o sexo do bebé.</p> <p>De acordo com Bandet e Sarazanas (1972, p.152) “(...) sob o ponto de vista educativo, no jardim-escola (...) a boneca é mediadora (...) graças a ela estabelecem-se laços de colaboração.”</p> <p>Indo ao encontro do domínio simbólico, Guimarães, M. e Costa, I. (1986, p.47), citando Piaget, afirmam que “ (...) no que diz respeito ao simbolismo lúdico (...) todo o processo de socialização culmina, não num esforço do simbolismo, mas na sua transformação, mais ou menos rápida, no sentido da imitação objetiva do real.”</p>	

ANEXO II

Guião da Entrevista

Guião de uma entrevista semiestruturada

I – TEMA: A importância do brincar na construção da identidade em crianças de 4 e 5 anos de idade.

II – Objetivos Gerais:

- 1 – Recolher informação que permita conhecer quais as preferências das crianças face às brincadeiras que efetuam.
- 2 – Obter a opinião das crianças sobre a conceção do brincar.

III – Objetivos Específicos e Estratégias:

(Tópicos para o guião; Orientação Geral)

Blocos Temáticos	Objetivos Específicos	Tópicos para Formulação de perguntas	Observações
(A) Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	1) Conseguir que a entrevista se torne oportuna e pertinente; 2) Motivar o entrevistado; 3) Garantir confidencialidade.	1) Explicar os objetivos de trabalho e responder às perguntas dos entrevistados; 2) Apelar à participação dos participantes, visto ser essencial a colaboração dos mesmos; 3) Assegurar a confidencialidade dos entrevistados.	- Criar empatia com o entrevistado; -Será utilizado o gravador, o registo áudio será feito em simultâneo.
(B) Brincadeiras preferidas das	1) Recolher elementos que permitam conhecer as	1) Solicitar a opinião dos entrevistados sobre quais as são as brincadeiras	

crianças	brincadeiras preferidas das crianças; 2) Saber qual o significado atribuído às brincadeiras preferidas das crianças.	preferidas; 2) Solicitar aos entrevistados para descreverem as brincadeiras preferidas.	
(C) O que é brincar para as crianças	1) Obter dados sobre as perspetivas das crianças quanto ao brincar.	Solicitar a opinião sobre: 1) Quais as brincadeiras preferidas. 2) O que é brincar.	

ANEXO III

Protocolo das Entrevistas

ENTREVISTA: 1

ENTREVISTADA: M.C

DATA: 27/05/2013

TIPO DE ESTABELECIMENTO DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR: Jardim-de-infância de rede privada

LOCAL: Na sala de aula

HORA: 11h:16:m

TEMPO DE DURAÇÃO: 5 minutos

IDADE: 5 anos

J – A Joana gostava de pedir a tua ajuda para um trabalho da escola dos crescidos e queria que falasses comigo para saber qual é a tua opinião em relação ao brincar e à tua brincadeira preferida.

J – Conta-me lá, qual é a tua brincadeira preferida?

M.C – Brincar aos cães!

J – Porquê?

M.C – Porque eu gosto de ser cão, porque há muitos que são bebés e eu é que sou o cão bebé.

J – Então, agora que já sei qual é a tua brincadeira preferida, gostaria de saber o que é brincar?

M.C – É brincar com os amigos, brincar com os legos, com os picos e com as madeiras.

A Joana já esteve a brincar!

J – Já estive a brincar, é verdade!

J – E brincar é fazer o quê? A Joana quer aprender. Quando estás em casa e a mãe diz que podes ir brincar, isso é o quê?

M.C – Brincar aos pais e às mães, brincar ao pica-pau, brincar com jogos e construir uma casa.

J – Uma casa? Com quê?

M.C – Com aquela peças redondas e quadradas.

J – Como é que se chamam aquelas peças?

M.C – Não sei.

J – Chamam-se figuras geométricas.

M.C – Ah! E também brincar é brincar com os amigos.

J – E o que é que fazes com os teus amigos?

M.C – Brinco às escondidas em casa.

J – gostei muito de ouvir o que me contas-te sobre o brincar, obrigada.

ENTREVISTA: 2

ENTREVISTADA: I.

DATA: 28/05/2013

TIPO DE ESTABELECIMENTO DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR: Jardim-de-infância de rede privada

LOCAL: Na sala de aula

HORA: 16h:10:m

TEMPO DE DURAÇÃO: 3 minutos

IDADE: 5 anos

J – A Joana gostava de pedir a tua ajuda para um trabalho da escola dos crescidos e queria que falasses comigo para saber qual é a tua opinião em relação ao brincar e à tua brincadeira preferida.

J- Joana quer saber porque é que gostas de brincar?

I – Gosto de brincar aos jogos

J – E porque é que gostas de brincar aos jogos?

I – Porque é giro!

J – E o que é que achas que é brincar?

I – É ser amiga e brincar com os outros.

J – Que bem, que crescida!

J – E porque é que gostas mais de brincar aos jogos?

I – Porque tem imensas peças e gosto de fazer.

ENTREVISTA: 3

ENTREVISTADA: L.

DATA: 29/05/2013

TIPO DE ESTABELECIMENTO DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR: Jardim-de-infância de rede privada

LOCAL: Na sala de aula

HORA: 11h:06:m

TEMPO DE DURAÇÃO: 5 minutos

IDADE: 5 anos

J – A Joana gostava de pedir a tua ajuda para um trabalho da escola dos crescidos e queria que falasses comigo para saber qual é a tua opinião em relação ao brincar e à tua brincadeira preferida.

J- O que achas que é brincar?

L – É legos!

J – Mas o que é que é brincar?

L – É brincar!

J – Diz-me lá porque é que gostas de brincar?

L- Porque é muito divertido!

J – E mais?

L – Mais nada.

J – Então, e qual é o brinquedo que mais gostas de brincar?

L – Com legos.

J – E porque é que gostas?

L – Porque faço torres gigantes!

J – E mais?

L – Castelos!

J – Uau!

J – Então, diz-me lá o que é que é brincar?

L – Não sei!

J – Claro que sabes, já és uma crescida!

L – Já sei, é estar-se a divertir.

J – Muito bem, estás a ver como sabes querida!

ENTREVISTA: 4

ENTREVISTADA: M.M.C.

DATA: 30/05/2013

TIPO DE ESTABELECIMENTO DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR: Jardim-de-infância de rede privada

LOCAL: Na sala de aula

HORA: 10h:53:m

TEMPO DE DURAÇÃO: 10 minutos

IDADE: 5 anos

J – A Joana gostava de pedir a tua ajuda para um trabalho da escola dos crescidos e queria que falasses comigo para saber qual é a tua opinião em relação ao brincar e à tua brincadeira preferida. Já fiz com alguns dos seus amigos e agora é a tua vez.

J – Vamos falar sobre uma coisa que os meninos gostam de fazer.

M.M.C – Brincar!

J – Muito bem.

J – Diz-me lá porque é que gostas de brincar?

M.M.C – Porque é giro

J – E mais? é giro porquê?

M.M.C – Porque gosto de brincar com os brinquedos.

J – E qual é o brinquedo que gosta mais de brincar?

M.M.C – Saltar à corda.

J – E sem ser saltar à corda? Aqui na sala com que é que mais gostas de brincar?

M.M.C – Fazer desenhos.

J – E achas que aprendes alguma coisa quando estás a brincar?

M.M.C – Não.

J – Não aprendes nada?

J – Pensa lá melhor, por exemplo quando a professora te manda fazer desenhos, ou fazer jogos, o que é que aprendes?

M.M.C – A fazer desenhos bonitos.

J – E em casa, brinca mais com o pai ou brinca mais com a mãe?

M.M.C – Com o pai.

J – O que é que brincas com o pai?

M.M.C – Às cozinhas.

J – E o que é que tu cozinhas?

M.M.C – Massinha com atum.

J – E o que é que o pai cozinha para ti?

M.M.C – Arroz com carne.

J – E quem é que fez o teu bolo de aniversário?

M.M.C – O pai.

J – Que sorte!

J – Então, agora que já me contas-te muitas coisas, eu quero saber o que é que é brincar?

M.M.C - Hummm

J – Quando a professora diz que podes ir para o tapete brincar, o que é que achas que é para fazer?

M.M.C – Fazer legos, saltar à corda e brincar com o arco.

J – Porquê?

M.M.C – Porque é para fazer uma torre muito grande.

M.M.C – Gosta de brincar com os outros meninos? Diverte-se?

M.M.C – sim

J – Já me disseste que gostas de fazer torres com legos, muito bem! Gostas de brincar com o pai às cozinhas em casa. E com a mãe, o que é que gostas de brincar?

M.M.C – Brincar à loja de doces a fingir.

J – Ai é?

J – E o que é que comem lá nessa loja?

M.M.C – Chupas.

J – Que gulosas!

J – Agora já sabes dizer o que é que é brincar?

M.M.C – É tirar os brinquedos da gaveta.

J – E depois o que é que acontece?

M.M.C – Brinco

J – E gostas mais de brincar, com os outros meninos ou sozinha?

M.M.C – com os meninos, porque gosto deles.

J – Já falas-te das brincadeiras que fazes com o pai, com a mãe. Agora quero saber quais são as brincadeiras que fazes com o teu irmão?

M.M.C – Brincamos com pistas de carros

J – Tens uma pista de carros em casa?

M.M.C – Não, o meu mano é que tem três.

J – Que sorte!

J – Agora quero saber só mais uma coisa. Cá na escola, qual é a parte da sala que gosta mais de brincar?

M.M.C – É na casinha.

J – Porquê?

M.M.C – Porque brinco como quando brinco com o pai às cozinhas.

J – Que querida! Gostei muito de conversar contigo, muito obrigada.

ENTREVISTA: 5

ENTREVISTADA: M.U

DATA: 31/05/2013

TIPO DE ESTABELECIMENTO DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR: Jardim-de-infância de rede privada

LOCAL: Na sala de aula

HORA: 11h:14:m

TEMPO DE DURAÇÃO: 5 minutos

IDADE: 5 anos

J – A Joana gostava de pedir a tua ajuda para um trabalho da escola dos crescidos e queria que falasses comigo para saber qual é a tua opinião em relação ao brincar e à tua brincadeira preferida.

J – O que é que achas que é brincar?

M.U – É fazer jogos!

J – E mais?

M.U – Desenhos

J - E o que é que achas que aprendes quando estás a fazer essas atividades?

M.U – Nada

J – Diz-me lá porque é que gostas tanto de brincar?

M.U – Gosto de fazer desenhos e legos, porque gosto de fazer torres.

J- Porquê?

M.U - Porque é divertido

J – Há mais algum brinquedo com que gostas de brincar?

M.U – Não, é só os legos!

J – E o que é que achas que é brincar?

M.U – Fazer jogos e desenhos e legos.

J – É o que tu achas que é brincar?

M.U – Sim.

J – Muito obrigada por teres ajudado a joana no trabalho da escola dos crescidos.

ENTREVISTA: 6

ENTREVISTADA: M.N

DATA: 03/06/2013

TIPO DE ESTABELECIMENTO DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR: Jardim-de-infância de rede privada

LOCAL: Na sala de aula

HORA: 10h:57:m

TEMPO DE DURAÇÃO: 7 minutos

IDADE: 5 anos

J – A Joana gostava de pedir a tua ajuda para um trabalho da escola dos crescidos e queria que falasses comigo para saber qual é a tua opinião em relação ao brincar e à tua brincadeira preferida.

J – Tu como és muito crescida, acho que me vais responder muito bem às perguntas que te vou fazer.

J – Então, diz-me lá qual é a brincadeira que mais gostas?

M.N – Hummm

M.N – Aos pais e às mães

J – Mas que bem

J – E porque é que gostas de brincar aos pais e às mães?

M.N – Porque gosto sempre de ser o cão!

J – Gosta de ser o cão? Então e nunca és o pai nem a mãe?

M.N – Não.

J – Mas porque é que gostas de ser o cão?

M.N – Porque eu adoro cães.

J – E brincar é o quê?

M.N – Porque é que eu gosto de brincar?

J – Não, o que é que achas que é brincar?

M.N – É....é correr e saltar.

J – E mais coisas?

J – Quando a professora diz ”meninos agora podem ir brincar para o tapete”, é o quê?

M.N – Hummm..é fazer coisas!

J – É fazer coisas, muito bem. E que coisas são essas?

M.N – Casinha, brincar com legos porque podemos construir castelos, torres e casas e também é fazer jogos.

J – E gostas de brincar, porquê?

M.N – Porque dá-nos energia!

J – Que boa resposta!

M.N – Agora vais escrever aquilo que eu disse?

J – Claro, porque tu disseste coisas muito importantes e ajudas-te a Joana a fazer este trabalho. Obrigada.

ENTREVISTA: 7

ENTREVISTADA: T

DATA: 04/06/2013

TIPO DE ESTABELECIMENTO DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR: Jardim-de-infância de rede privada

LOCAL: Na sala de aula

HORA: 10h:58:m

TEMPO DE DURAÇÃO: 5 minutos

IDADE: 5 anos

J – A Joana gostava de pedir a tua ajuda para um trabalho da escola dos crescidos e queria que falasses comigo para saber qual é a tua opinião em relação ao brincar e à tua brincadeira preferida.

J – A Joana quer saber o que é que é brincar para ti?

T – É fazer legos

J - É a brincadeira que mais gostas?

T – Sim

J – E porque é que gostas de fazer?

T – Porque faço uma construção muito alta.

J – E o que é que achas que é brincar?

T – É fazer as coisas!

J – Que coisas?

T – É brincar

J – Mas é fazer o quê? A Joana não está a entender, podes-me explicar?

T – Não sei.

J - Então quando estás a brincar porque é que gostas?

T – Porque os meus amigos também querem.

J – Obrigada por teres ajudado a joana neste trabalho tão importante.

ENTREVISTA: 8

ENTREVISTADA: M.S.C

DATA: 05/06/2013

TIPO DE ESTABELECIMENTO DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR: Jardim-de-infância de rede privada

LOCAL: Na sala de aula

HORA: 16h:10:m

TEMPO DE DURAÇÃO: 12 minutos

IDADE: 5 anos

J – A Joana gostava de pedir a tua ajuda para um trabalho da escola dos crescidos e queria que falasses comigo para saber qual é a tua opinião em relação ao brincar e à tua brincadeira preferida.

M.S.C – Gosto de brincar com a joana, gosto de aos pais e às mães, gosto de brincar às vendarias, gosto de fazer desenhos.

J – Diz-me lá uma coisa, em casa brincas mais com o pai ou com a mãe?

M.S.C – Com o pai e com a mãe.

J – E a mana?

M.S.C – Também

J- O que é que brincas mais lá em casa?

M.S.C – Ao dominó, às polis e contar histórias.

J – E diz-me lá outra coisa, como eu sei que gostas de brincar na casinha aos pais e às mães. Gosta mais de ser a mãe ou o pai?

M.S.C – A mãe

J – Porquê?

M.S.C – Porque gosto de saber que não sou rapaz.

J –Muito bem.

J – Quando a professora diz que podes ir para o tapete brincar, o que é que achas que é brincar?

M.S.C – Ao quadro, ser chefe, fazer picos, brincar na casinha, brincar com as coisas da joana, que a joana traz.

J – Tão querida!

J – Quero saber outra coisa? Quando estás a brincar, achas que aprendes alguma coisa?

M.S.C – Sim.

J – O que é que aprendes?

M.S.C – A professora conta histórias, e eu aprendo a pintar, aprendo a contar histórias, aprendo a ver o dia, aprendo a ver as horas.

J – Já sabes ver as horas?

M.S.C – Sim.

J – Que crescida!

M.S.C – Aprendo a fazer pinturas, fazer desenhos, a recortar coisas, para fazer coisas para o dia dos avós, ou coisas para o dia da mãe, ou coisas para o dia do pai.

J – Estás sempre a trabalhar, não é verdade?

M.S.C – É

J – E porque é que gostas de brincar?

M.S.C – Porque é uma coisa normal que eu gosto de fazer, mas quando se acaba as coisas e a professora diz “Vamos para o tapete” eu tenho vontade de fazer chichi, de beber água e de assoar o nariz, tirar os macacos do nariz, fazer chichi ou cócó.

J – Ai é?

M.S.C – É

J- Mas gostas de brincar no meio de isso tudo, porquê?

M.S.C – Gosto de jogar ao jogo da memória, porque o jogo da memória é mais giro do que os outros e a joana jogou com os meninos daquela mesa.

J – É verdade, a joana jogou com os meninos daquela mesa.

J – E gostas de brincar com a joana e com os outros meninos?

M.S.C – Sim

J – Porquê?

M.S.C – Porque trago coisas de casa para a joana ver e para os meus amigos brincarem e para a joana também brincar.

J – Que querida, és muito amiga de todos os meninos e da joana também.

ENTREVISTA: 9

ENTREVISTADA: M.A

DATA: 06/06/2013

TIPO DE ESTABELECIMENTO DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR: Jardim-de-infância de rede privada

LOCAL: Na sala de aula

HORA: 11h:04m

TEMPO DE DURAÇÃO: 6 minutos

IDADE: 5 anos

J – A Joana gostava de pedir a tua ajuda para um trabalho da escola dos crescidos e queria que falasses comigo para saber qual é a tua opinião em relação ao brincar e à tua brincadeira preferida.

J – Gostas de brincar?

M.A – sim

J – Qual é a tua brincadeira preferida?

M.A – É...carros!

J – E porque é que gostas de brincar com carros?

M.A – Porque eu faço uma coleção com eles em casa e também gosto de brincar com eles porque são todos das cores que eu gosto mais.

J – E quais são as cores que gostas mais?

M.A – Cinzento, verde, cor-de-laranja e preto.

J – Muito bem.

J – Agora que já me respondes-te tão bem a essa pergunta que a joana te fez eu gostava que me explicasses o que é brincar?

M.A – Brincar...como brincar na casinha, fazer jogos. É uma coisa que se faz quando os outros estão a fazer outras coisas como brincar na casinha, brincar aos pais e às mães.

J – Explicas-te muito bem.

J – E gostas mais de ser o pai ou gostas de ser mais a mãe?

M.A – O cão!

J – O cão?

M.A –hahah não estou a brincar!

J – Então, mas diz-me lá porque é que gostas de brincar?

M.A – É porque eu tenho muito carros em casa e muitas coisas que eu gosto aqui.

J – Mas porque é que gostas de brincar quando estás com os outros meninos ou sozinha?

M.A – Eu gosto de brincar quando... às vezes fico triste quando ninguém brinca comigo, mas quando decido que vou brincar sozinha, eu não fico triste.

J – E quando brincas com os outros meninos, como é que te sentes?

M.A – Contente, igual a quando decido que vou brincar sozinha.

M.A – Só tenho uma coisinha pequenina a dizer.

J – Diz lá querida.

M.A – A minha irmã e eu brincamos todos os dias uma com a outra.

J – E o que é que mais gostas de brincar com a tua irmã?

M.A – É aos carrinhos

J- Mas que bem, és muito amiga da tua irmã.

M.A – Pois sou.

J – Muito obrigada por teres ajudado a Joana no trabalho dos crescidos.

M.A – De nada

ENTREVISTA: 10
ENTREVISTADA: R.
DATA: 07/06/2013
TIPO DE ESTABELECIMENTO DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR: Jardim-de-infância de rede privada
LOCAL: Na sala de aula
HORA: 11h:00m
TEMPO DE DURAÇÃO: 15 minutos
IDADE: 4 anos

J – A Joana gostava de pedir a tua ajuda para um trabalho da escola dos crescidos e queria que falasses comigo para saber qual é a tua opinião em relação ao brincar e à tua brincadeira preferida.

J – Não achas que brincar é uma coisa tão divertida?

R - É

J – E porque é que gostas de brincar?

R – Porque gosto de fazer jogos e também às vezes vou à casa de banho, tirar macacos do nariz, ou fazer cocó.

J – E isso é que é brincar para ti?

R – Sim, às vezes quando estou aflitinha vou à casa de banho.

J – Então, mas diz-me lá, em casa costumavas brincar com o quê?

R – Com o Vasquinho.

J – Quem é o Vasquinho?

R – É o meu irmão.

J – E quais são as brincadeiras que costumavas brincar?

R – O Vasquinho, está com a chucha e o ó-ó, depois eu fico só com o bebé, depois o Vasquinho bate-me, depois puxa-me os cabelos e depois eu vou dizer à mãe. E quando eu estou em casa do Pai o Vasquinho pendura-se na janela e o pai não deixa.

J – Porque é muito perigoso e pode-se magoar.

R – Mas a janela está sempre fechada.

J – Claro

J – Então e qual é que a tua brincadeira preferida?

R – Gosto de fazer jogos, legos, pinturas, quando estou aflitinha para fazer chichi, vou. Depois gosto de fazer os chefes.

J – E porque é que gostas de fazer essas coisas todas?

R – Porque....porque...porque gosto.

J- E quando estás a fazer isso tudo, achas que aprendes alguma coisa?

R – Aprendo. Na casinha, faço uma comida para a Joana.

J – Que simpática.

R – Olha, quando é sábado, vou para o Algarve e para a piscina e para o parque do Algarve.

J – Que sorte!

R – Depois vou para a outra casa do Algarve e vou para a outra piscina do Algarve.

J – E vais com quem?

R – Com a mãe.

J – E no Algarve que brincadeira é que fazes?

R – Faço pinturas, também faço digitinta, também às vezes vou para o parque do Algarve. Às vezes vou pintar a cara quando os senhores estão na casinha quando é a minha festa.

J – E porque é que gostas de pintar a cara?

R – Porque os meus amigos também vão lá à festa.

J – E porque é que gostas de brincar?

R – Porque gosto de fazer o jogo da Joana com a Joana

J – E qual é o jogo que mais gostas de fazer?

R – Aquele das molas e dos números.

J – A Joana também gosta muito de fazer aquele jogo contigo

R – Olha, no sábado a minha mãe às vezes também me vai levar à pizaria.

J – Ai é? Gostas de comer pizza?

R – Sim, porque tem lá um escorrega em caracol com bolas.

J – Mas agora quero saber o que é que mais gostas de brincar?

R – Gosto de mexer no computador.

J – E fazes o quê, no computador?

R – Faço jogos do panda. E também no computador da mãe à séria ponho o panda para o Vasquinho, porque já sei como é que se faz.

J – Que querida que és para o mano.

R – Ele já tem dois anos, antes tinha um, agora tem dois.

J – Claro.

J – E diz-me lá outra coisa. Gostas de brincar sozinha, ou com outros meninos?

R – Sozinha, à corda.

J – Gostas de brincar sozinha, porquê?

R – Às vezes quando estou cansada, vou guardar a corda e depois vou brincar com a corda outra vez.

J – Porque é que não gostas de brincar com os outros meninos?

R – Às vezes eu brinco. Eu gosto mas só que também gosto de brincar sozinha, porque eu quero estar a brincar sossegada.

J – Muito bem e tens todo o direito.

R – Às vezes os meninos levam-me para sítios que eu não quero e por isso é que quero brincar sozinha, porque eu a brincar sozinha vou para o sítio que eu quero.

J – E que sítio é esse?

R – Ir para a casinha, ir para o escorrega.

J – Aqui nesta sala tem coisas tão giras. Qual é a brincadeira que mais gostas de fazer?

R – Às vezes pinto, às vezes não pinto como hoje não pinte. Também gosto de fazer legos. Gosto de ir para o quadro.

J – Porquê?

R – Porque gosto de fazer desenhos com as canetas, e também às vezes vou-me sentar ali no tapete porque já estou cansada das minhas mãos.

J – É porque trabalhas muito?

R – Hoje não tenho nada para fazer, e eu queria ir pintar, mas amanhã eu pinto. Às vezes tem que ser os outros meninos.

J – Claro, os outros meninos também têm direito a fazer.

R – Era o que eu ia dizer! Também têm direito, não têm?

J – Sim.

R – Por exemplo, se esta escola fosse só para mim e para a Joana eu não tinha amigos do meu tamanho para brincar, porque os amigos estavam todos doentes, mas também tem que ser uma escola para os outros meninos.

J – Claro que sim, porque ter amigos é muito bom.

R – E também é importante beber água.

J – Porquê, explica-me lá?

R – Porque assim crescemos e ficamos fortes.

J – Achas que a Joana bebeu muita água desde pequenina e ficou assim muito crescida?

R – Sim.

J – Agora quero saber mais coisas que me queiras dizer.

R – Também é importante beber Ice-Tea.

J – Ice-Tea? Porquê?

R – Porque a minha mãe desde pequenina quando eu tava na barriga da mãe, eu fui a primeira a nascer, o número um, o Vasquinho o número dois e quando a mãe bebia o Ice-Tea eu sentia fazer bolinhas, bolinhas, bolinhas brancas na barriga da mãe e quando a mãe comia chocolates vinha para a minha boca.

J – Foi a tua mãe que te contou essas coisas?

R – Sim

R – E também o Vasquinho diz assim: “quer kati”

J – Quer o quê?

R – O Vasquinho não sabe dizer chocolate e diz assim: “quer kati”

J – Ainda está aprender a falar.

R – Sim, e quando tiver quatro anos como eu ele fala como eu.

J – Claro, quando tiver essa idade já vai estar mais crescido e saberá fazer e dizer mais coisas.

J – E diz-me lá uma coisa. O que é que costumavas brincar com o pai?

R – Mas o pai não vive na mesma casa.

J – Sim querida, a Joana sabe que o pai não vive com a mãe.

R – Gosto de ver televisão com o pai.

J – E o que é que aprendes quando estás a brincar?

R – Aprendo a ouvir música com a professora. Amanhã eu quando chegar a casa vou fazer um desenho para dar à Joana.

J – Para colocar no quarto?

R – Não para colocares aqui na parede da sala, para os outros meninos verem.

J – Está combinado, muito obrigada por teres ajudado a Joana. Gostei muito de conversar contigo.

ENTREVISTA: 11

ENTREVISTADA: M.M

DATA: 11/06/2013

TIPO DE ESTABELECIMENTO DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR: Jardim-de-infância de rede privada

LOCAL: Na sala de aula

HORA: 11 h:13m

TEMPO DE DURAÇÃO: 10 minutos

IDADE: 5 anos

J – A Joana gostava de pedir a tua ajuda para um trabalho da escola dos crescidos e queria que falasses comigo para saber qual é a tua opinião em relação ao brincar e à tua brincadeira preferida. Já perguntei às meninas e agora é a sua vez.

J – Não gostas de brincar?

M.M – Gosto.

J -Qual é a brincadeira que mais gostas de brincar?

M.M – Na escola, ou em casa?

J – Aqui na escola.

M.M – No recreio?

J – No recreio ou aqui na sala, qual é a brincadeira que mais gostas?

M.M – É brincar no recreio

J – Mas quando estás lá fora no recreio o que é que gostas mais de fazer?

M.M – É brincar ao max e aos dinossauros.

J – Como é que se brinca ao max?

M.M – É um leão e uma leoa com uma juba.

J – E para além do max o que é que gostas de brincar?

M.M – É brincar às escondidas!

J – Porquê?

M.M – Porque é muito giro e porque eu arranjo muitos sítios bons para me esconder e escondo quase sempre no mesmo sítio.

J – Qual é o sítio?

M.M – É no recreio...atrás...é fora da gaiola!

J – Há uma gaiola no recreio e eu não sabia?

M.M – Há. É o escorrega e depois eu escondo-me e depois fico muito caladinho e depois o menino que é a contar ou a menina não sabe que eu estou ali. Quando eu estava

a brincar com o P. eu estava ali escondido e estava tão, tão caladinho, o P. passou por mim, nem sabia que eu estava ali!

J – É um esconderijo mesmo bom!

J – E porque é que gostas de brincar às escondidas?

M.M – É porque eu gosto muito também de estar a contar.

J – E sabes contar até quanto?

M.M – Mil e um!

J – Isso são muitos números. Quando chegares aos cem já estás cansado, não achas?

M.M – Não, é quando chegar aos duzentos!

J – Hahaha! Está bem.

J – E o que é que achas que é brincar?

M.M – É fazer o que as professoras dizem.

M.M – Acho que já estou cansado!

J – Também já disseste muita coisa importante, respondes-te muito bem e estou muito satisfeita com as tuas respostas.

M.M – Posso ir?

J – Sim, obrigado.

M.M – De nada.

ENTREVISTA: 12

ENTREVISTADA: M.S

DATA: 12/06/2013

TIPO DE ESTABELECIMENTO DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR: Jardim-de-infância de rede privada

LOCAL: Na sala de aula

HORA: 10 h:56m

TEMPO DE DURAÇÃO: 3 minutos

IDADE: 4 anos

J – A Joana gostava de pedir a tua ajuda para um trabalho da escola dos crescidos e queria que falasses comigo para saber qual é a tua opinião em relação ao brincar e à tua brincadeira preferida.

J – O que é que achas que é brincar?

M.S – Brincar é mesmo brincar com os legos

J – Porque é que gostas de brincar com legos?

M.S – Por causa que é giro.

J – Então e achas que aprendes alguma coisa quando estás a brincar?

M.S – Sim, a fazer foguetões com os legos.

ENTREVISTA: 13

ENTREVISTADA: M.S.P.

DATA: 14/06/2013

TIPO DE ESTABELECIMENTO DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR: Jardim-de-infância de rede privada

LOCAL: Na sala de aula

HORA: 10 h:38m

TEMPO DE DURAÇÃO: 3 minutos

IDADE: 4 anos

J – A Joana gostava de pedir a tua ajuda para um trabalho da escola dos crescidos e queria que falasses comigo para saber qual é a tua opinião em relação ao brincar e à tua brincadeira preferida.

J – Então conta-me lá qual é a tua brincadeira preferida?

M.S.P. – É brincar co carros.

J – Porquê?

M.S.P. – Porque a minha mãe compra sempre carros e o meu irmão brinca sempre comigo em casa.

J – Que sorte!

J – E o que é brincar para ti?

M.S.P. – É brincar com o meu irmão.

ENTREVISTA: 14

ENTREVISTADA: P

DATA: 17/06/2013

TIPO DE ESTABELECIMENTO DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR: Jardim-de-infância de rede privada

LOCAL: Na sala de aula

HORA: 11h:00m

TEMPO DE DURAÇÃO: 5 minutos

IDADE: 5 anos

J – A Joana gostava de pedir a tua ajuda para um trabalho da escola dos crescidos e queria que falasses comigo para saber qual é a tua opinião em relação ao brincar e à tua brincadeira preferida.

J – Gostas de brincar?

P – Sim!

J – Qual é a tua brincadeira preferida?

P – Brincar aos cavalos.

J – Aos cavalos? Porquê?

P – Porque sim.

J – Porque é que gostas de brincar aos cavalos e não gostas de brincar a outra coisa? O que é que fazes quando brincas aos cavalos?

P – Uso máscaras de cavalos!

J – E de onde é que trazes essas máscaras?

P – Trago de casa!

J – Agora vou-te fazer outra pergunta, porque quero muito saber o que é que tu achas que é brincar?

P – Hummmmmm

J – Quando a professora diz “agora podes ir brincar para o tapete” isso é o quê?

P – É brincar aos cavalinhos!

J – E mais?

P – Brincar na casinha, fazer legos, fazer jogos

J – Quais são os jogos que gostas de fazer?

P – Aquele!

J – O das molas?

P – Sim.

J – Diz-me lá uma coisa. O que é que os meninos estão a fazer lá fora no recreio?

P – A brincar!

J – E isso é fazer o quê?

P – Estão a brincar aos pais e às mães e os que estão no escorrega estão a escorregar!

J – Obrigado por teres ajudado a Joana com este trabalho dos crescidos.

ENTREVISTA: 15

ENTREVISTADA: B

DATA: 18/06/2013

TIPO DE ESTABELECIMENTO DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR: Jardim-de-infância de rede privada

LOCAL: Na sala de aula

HORA: 16h:18m

TEMPO DE DURAÇÃO: 10 minutos

IDADE: 5 anos

J – A Joana gostava de pedir a tua ajuda para um trabalho da escola dos crescidos e queria que falasses comigo para saber qual é a tua opinião em relação ao brincar e à tua brincadeira preferida.

J – Quero saber qual é a brincadeira que mais gostas?

B – Brincar aos pais e às mães!

J – Porquê?

B – Porque, porque eu gosto de ser o pai

J – E porque é que gostas de ser o pai?

B – Porque sou rapaz!

J – Muito bem!

J – Quando a professora te manda ir brincar, isso é fazer que coisas?

B – É brincar aos pais e às mães.

J – E mais? Tu sabes, já és crescido.

B – Não sei!

J – E brincar? Diz-me lá, é fazer o quê?

B – É atirar a bola para o pai e o pai atirar para mim.

J – Agora és tu que me vais ensinar o que é brincar.

B – É correr, fazer um comboio, falarmos com os outros.

J – Falarmos sobre o quê?

B – Sobre o nosso fim-de-semana

J – E mais coisas?

B – Não sei mais nada!

J – Quando estás ali na casinha a brincar aos pais e às mães, porque é que gostas mais de ser o pai?

B – Porque cozinho muito bem arroz com atum e faço sopa de canja! Olha é brincar às comidas!

J – Muito bem!

J – E porque é que gostas de brincar?

B – Porque gosto de ser sempre o pai.

ENTREVISTA: 16

ENTREVISTADA: F.

DATA: 19/05/2013

TIPO DE ESTABELECIMENTO DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR: Jardim-de-infância de rede privada

LOCAL: Na sala de aula

HORA: 11h:12:m

TEMPO DE DURAÇÃO: 3 minutos

IDADE: 5 anos

J – A Joana gostava de pedir a tua ajuda para um trabalho da escola dos crescidos e queria que falasses comigo para saber qual é a tua opinião em relação ao brincar e à tua brincadeira preferida.

J – O que é que achas que é brincar?

F – É divertir-me!

J – Porquê?

F – Porque quero!

J – Quando brincas como é que te sentes?

F – Bem ...às vezes mal!!

J – Então porquê?

F – Porque não tenho amigos!

J – Não tens amigos? Vejo-te muitas vezes a brincar com os meninos cá da sala.

J – E qual é a tua brincadeira preferida?

F – É brincar com a bola!

J – Obrigado por teres ajudado a Joana neste trabalho tão importante.

ENTREVISTA: 17

ENTREVISTADA: M.F

DATA: 20/06/2013

TIPO DE ESTABELECIMENTO DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR: Jardim-de-infância de rede privada

LOCAL: Na sala de aula

HORA: 15h:12m

TEMPO DE DURAÇÃO: 6 minutos

IDADE: 5 anos

J – A Joana gostava de pedir a tua ajuda para um trabalho da escola dos crescidos e queria que falasses comigo para saber qual é a tua opinião em relação ao brincar e à tua brincadeira preferida.

J – Quero saber uma coisa muito importante, qual é a tua brincadeira preferida?

M.F – Fazer picos, legos e madeiras

J – Dessas três qual é a que mais gostas?

M.F – Fazer picos.

J – Porquê?

M.F - Porque é importante para mim

J – É importante pois é! Agora és tu que me vais ensinar.

M.F – Diz- lá porque é que é importante?

M.F – Não te posso explicar agora, tenho uma notícia a dizer!

J – Diz lá qual é a notícia?

M.F – Agora estou ocupado! Não, agora estou ocupado!

J - Pois agora estás aqui a conversar comigo e estou a gostar muito de te ouvir. Diz-me lá porque é que gostas de fazer os picos?

M.F – Porque é importante para mim e porque eu sempre faço!

J – É verdade, fazes todos os dias e fazes muito bem!

J – Que construções é que gostas de fazer?

M.F – Uma casa e um comboio do toby

J – Então e brincar é o quê?

M.F – Construções, madeiras e picos. Dar os chefes, tirar os dias e também ir à capela!!

J – Ir á capela também é brincar?

M.F – Não! Aqui nesta escola só se brinca.

J – Na capela não se pode brincar porque está lá o Jesus.

ANEXO IV

Grelha de conteúdo das entrevistas

	CATEGORIAS				
	JOGO SIMBOLICO		JOGO CONSTRUTIVO		JOGO DE REGRAS
Brincadeiras preferidas	Representação da vida familiar	Representação de animais	Manipulação de materiais	Manipulação de objetos	

	- "...aos pais e às mães, porque eu gosto de ser o pai e porque sou rapaz!";	- "...aos cavalos porque uso máscaras do cavalo e trago-as de casa";	- "...aos legos, porque faço torres gigantes e castelos";	- "...é carros! Porque eu faço uma coleção com eles em casa e porque são todos das cores que eu gosto mais!";	- "...às escondidas! Porque eu arranjo muitos sítios bons para me esconder e escondo-me quase sempre no mesmo sítio (...) é fora da gaiola! É no escorrega e depois eu escondo-me e depois fico muito caladinho e depois o menino que é a contar ou a menina não sabe que eu estou ali, e também porque gosto muito de estar a contar!"
	- "...aos pais e às mães, porque gosto de saber que não sou rapaz. É uma coisa normal que gosto de fazer!";	- "...aos cães, porque eu gosto de cão, porque há muitos que são bebés e eu é que sou o cão bebé"	- "...aos legos, porque podemos construir torres, castelos e casas!";	- "...com carros, porque a minha mãe compra sempre carros e o meu irmão brinca comigo";	
	- "...às cozinhas, porque faço massinha com atum!"		- "...gosto de fazer legos e fazer torres porque é divertido!";	- "...com a bola porque eu quero e gosto!";	
			- "...com legos por causa que é giro e porque aprendo a fazer foguetões";	- "...à corda (...) porque, eu quero estar a brincar sossegada"	
			- "...fazer legos, porque faço uma construção muito alta!";		
			- "...aos jogos, porque é giro e tem imensas peças";		
			- "...fazer piscos, porque eu sempre faço e porque é imenso importante para mim."		

	CATEGORIAS			
	INTERAÇÃO COM O OUTRO	DIVERTIMENTO	OCUPAÇÃO DO TEMPO	MANIPULAÇÃO DE MATERIAIS
O que é para ti brincar	- "...é atirar a bola para o pai e o pai atirar a bola para mim e também é falarmos com os outros sobre o fim de semana";	- "...é estar a divertir-se com os outros";	- "...é uma coisa que se faz quando os outros estão a fazer outras coisas"	- "...é fazer legos";
	- "...é ir ao parque do alvito, brincar com o meu irmão";	- "...é divertir";		- "...é fazer pinturas com tintas";
	- "é brincar com o meu irmão";	- "...é correr e saltar, é fazer coisas porque nos dá energia";		- "...é fazer jogos";
	- "é ser amigo e brincar com os outros";	- "...é o queremos fazer e gostamos"		- "...é fazer desenhos e legos";
	- "...é brincar aos cavalinhos, brincar na casinha aos pais e às mães";			- "...é fazer construções";
	- "...é brincar com os amigos";			- "...é fazer picos";
	- "...é fazer os que as professoras dizem";			- "...saltar à corda e brincar com o arco";
	- "...é fazer coisas com os outros."			- "tirar os brinquedos da gaveta";
				- "...madeiras e picos"

- GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DE ENTREVISTAS -